



Le**i**a **f****f**

Revista n.º 57 janeiro 2021

Revista online

ISSN 2183-993X



Entrevista
JOÃO CARLOS ABREU

Lara
Caires
2020

Ficha Técnica

N.º 57 janeiro 2021

ISSN 2183-993X

Direção:

Mestre António Pires

Coordenação:

Prof.ª Isabel Lucas

Prof.ª Maria do Rosário Antunes

Revisão:

Prof.ª Maria do Rosário Antunes

Design e Página Web

Prof.ª Isabel Lucas

Redação:

Prof.ª Maria do Rosário Antunes

Colaboração:

Comunidade Educativa

Colaboração Especial:

João Carlos de Abreu

Fotografia:

Comunidade Educativa

Tratamento Fotográfico:

Prof.ª Isabel Lucas

Capa:

Aluna Lara Caires, 11.º 14, do Curso de Artes Visuais. Coordenação da prof.ª Isabel Lucas, na disciplina Desenho A.

Contactos:

Escola Secundária de Francisco Franco, Rua João de Deus, n.º 9
9054-527 Funchal

Email geral:

esffranco@madeira-edu.pt

Email da Revista Leia FF:

leiasff@esffranco.edu.pt

Telefone: 291 202 820

Fax: 291 230 342

Nesta Edição

Editorial

Mestre António Pires - Presidente do Conselho Executivo

03

Carreiras

A entrevista a João Carlos de Abreu

04

No rasto de...

O percurso de Henrique Correia

12

Clubes e Projetos

Atividades dos Clubes

16

Galeria de Arte

Exposição *Habitar estórias*, de Nelson Henriques

30

Aconteceu

34

No Olhar de...

Textos livres dos professores

46

Vemos e escrevemos

Textos livres dos alunos

48

Sugestões

Exposições

58

Editorial

Presidente do Conselho Executivo



Organização: Conselho Executivo
(Texto: Mestre António Pires/Imagem)

Os desafios que a pandemia trouxe à sociedade têm sido imensos. Muitas das rotinas que tínhamos como adquiridas tiveram de se alterar, os princípios da solidariedade e altruísmo ganharam nova relevância, a (inter)relação com o outro, tão importante na formação das personalidades e das próprias sociedades, obedecem agora a novas regras. As relações laborais, o impacto na economia, o modo como vemos a relação com o planeta... tudo sofreu um grande impacto.

Também as escolas e os sistemas de ensino sentiram a pressão para encontrar novas formas de relação pedagógica, que garantissem aos alunos as aprendizagens necessárias para, sem grandes perturbações, continuarem os seus diversos percursos de formação e educação.

Tudo isto obrigou-nos a ter mais cuidados sanitários, mas também a uma nova organização dos horários, dos percursos dentro da escola, da gestão dos espaços. Sentiu-se o impacto dentro da sala de aula, na relação entre professores e alunos, mas também nas metodologias de trabalho.

As atividades de complemento do currículo, tão importantes na formação integral dos nossos jovens, foram seriamente condicionadas. Somos uma escola com uma grande dinâmica, explorando as potencialidades da relação com o tecido social onde estamos inseridos, somos uma escola com professores inovadores, empreendedores, promotores de uma diversidade, qualidade e quantidade de atividades que tornam o ambiente escolar propício à descoberta, à aprendizagem, à promoção de uma cultura heterogénea, eclética, global, plural.

Temos consciência de que é esta cultura de escola, de exigência dentro da sala de aula, mas também convictos de que a aprendizagem é a própria vida que acontece dentro e fora da sala de aula, que faz com que esta seja uma escola promotora do sucesso nas suas mais variadas dimensões.

Apesar das limitações, apesar das adaptações, a escola continua a ser um espaço vibrante onde a aprendizagem se faz também fora da sala de aula, fazendo todos um esforço para que os nossos alunos não fiquem penalizados no seu percurso de educação e formação. E esta edição da revista dá-nos conta destas dinâmicas que se mantêm apesar das limitações, continuando a proporcionar aos nossos alunos um verdadeiro ambiente heterogéneo de aprendizagens.

António Pires

Entrevista a João Carlos Abreu

(Texto/Imagem: cedidas por JCA)

João Carlos Nunes Abreu dedicou-se, ao longo da sua vida, a diversas áreas, como o jornalismo, a escrita (poesia e prosa), o teatro, o ensino, a política, a gestão hoteleira, as causas sociais, entre outras. Durante 23 anos (1984-2007), foi Secretário Regional de Turismo e Cultura, prestigiando o cargo, com as inovações que imprimiu à pasta que tutelou. A Madeira deve-lhe, por exemplo, os moldes atuais da Festa Flor, do Carnaval e da Festa do Vinho. Faz também parte da sua herança o Muro da Esperança e o Festival do Atlântico.

O Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias de João Carlos Nunes Abreu é o espaço que alberga o acervo que doou à Madeira, onde podem ser admirados milhares de objetos trazidos de todas as partes do mundo.

RL | Em 1984, iniciou funções como Secretário Regional do Turismo e Cultura da Madeira. Era um sonho que tinha? O que pensou quando recebeu o convite?

JCA | Recordo-me de ter perguntado ao meu irmão João Manuel, quando ele foi nomeado como primeiro Diretor Geral da Saúde, o que diriam os nossos pais se fossem vivos e nos vissem nestes cargos importantes. Tanto ele como eu jamais tínhamos imaginado atingir tais posições. Tanto ele como eu não tínhamos ambicionado cargos tão importantes. Sempre lutámos pela eficiência de um profissionalismo sério. Recebi o convite do Dr. Alberto João Jardim e aceitei-o com muita humildade. Fiz do Turismo e da Cultura o meu apostolado.

RL | Depois de estar 23 anos a tutelar a pasta do Turismo e da Cultura, pediu para cessar funções no Governo Regional. A que se deveu tal pedido?

JCA | Achei que era o momento próprio para fazê-lo, não por falta de novas ideias ou cansaço, mas por considerar que era altura de dar um novo rumo à minha vida.

RL | O que destaca da sua passagem pela política?



JCA | Fiz política, mas nunca ambicionei ser um político. De qualquer forma, sempre encarei a política como um fator estruturante das sociedades. Um ato de cidadania. Talvez por ter ajudado a quebrar as amarras de muitos dos meus compatriotas, atados em medos e preconceitos que em nada os ajudavam, a serem eles próprios livres e criativos. A parte humana é sempre a mais importante para quem governa.

RL | Atualmente, é presidente da Associação CRIAMAR, desde a sua fundação, em 2007. Como e porquê surgiu a sua criação? O que representa para si?

JCA | A CRIAMAR nasceu de um sonho do Dr. Dionísio Pestana, eu apenas lhe dei forma e vida. Como tal, a Associação representa tudo para mim. É uma forma de apostolado. Eu sempre vivi os cargos que ocupei com o mesmo espírito.

RL | Ao longo da sua vida, desempenhou papéis tão distintos como jornalista, poeta, ator, político, empresário, diretor de relações públicas, agente de viagens, diretor hoteleiro, professor, formador, escritor. Qual o papel em que se sentiu mais realizado? Coincide com o papel em que foi mais profissional? Há algum de que sinta falta? Com qual se identifica menos?

JCA | Em todos os cargos, procurei sempre ser o mais profissional possível, tendo subjacente a questão humana. O facto de serem cargos temporários permitiu-me desfrutá-los ao máximo. Nenhum me fez



João Carlos Abreu no gabinete da Secretaria Regional - anos 90'



João Carlos Abreu com o encenador e dramaturgo português Filipe La Féria

As 85 primaveras de João Carlos Abreu têm sido recheadas de viagens e muitas foram as personalidades com quem já privou, no âmbito das suas atividades profissionais, quer seja através do jornalismo, como das funções desempenhadas como governante ligado ao Turismo e à Cultura. De tantas figuras públicas que poderíamos referir, elencamos Agustina Bessa Luís, Azeredo Perdigão, David Mourão-Ferreira, Fernanda Castro, Ferreira de Castro, Joel Serrão, Madalena Iglésias, Maluda, Maria José Valério, Natália Correia, Orlando Vitorino, Simone de Oliveira, Ernest Hemingway, Duque de Windsor, Príncipe Alberto do Mónaco, Princesa Stéphanie de Mónaco, Rei Humberto de Itália, Rainha Sónia da Noruega, Príncipe (Herdeiro) Haakon da Noruega, Papa João Paulo II, entre muitos outros nomes conhecidos.

Se alguns desses encontros foram momentos que não se voltaram a repetir, outros houve que foram a base de grandes amizades, como é o caso de Filipe La Féria, encenador e dramaturgo português. Sobre La Féria, diz JCA:

«é um amigo muito especial, por quem sinto grande admiração, especialmente pela grande capacidade criadora. Portugal deve-lhe muito, na parte cultural, pois faz espetáculos como ninguém. Basta ver o sucesso que foi o «Amália», musical inspirado na grande fadista homónima e que foi um dos últimos desejos dela. Esse espetáculo foi o que teve maior sucesso em Portugal, estando seis anos em cena e contando com mais de três milhões de espetadores, fora o estrondoso sucesso obtido também em França. Quando estreou, no Casino da Madeira, em 1999, infelizmente, não pôde contar com Amália, que já havia falecido, tendo ficado a sua cadeira vazia, assinalada com um xaile e uma rosa vermelha». Como se pode imaginar, João Carlos Abreu tinha igualmente uma ligação muito forte com a fadista.



João Carlos Abreu com a fadista Amália Rodrigues



João Carlos Abreu – anos 2000 – no Universo de Memórias - Funchal.



falta. Identifico-me com todos eles. A vida é feita por etapas que nos põem perante realidades diferentes, por isso identificamo-nos com todas.

RL | O Centro Cívico e Cultural de Santa Clara – Universo de Memórias de João Carlos Nunes Abreu é o espaço que alberga o acervo que doou à Madeira, onde podem ser admirados centenas de objetos trazidos de todas as partes do mundo. À medida que foi adquirindo esses bens, já tinha a ideia de os doar à Região? Qual a sua intenção?

JCA | Nunca pensei em doar à Região 15 mil peças, incluindo a minha biblioteca. Comprei tantos objetos nos países por onde andei... Comprei-os para me fazerem companhia e recordar as terras e as histórias que os envolviam. Um dia, o Presidente Alberto João Jardim incentivou-me a doá-los. Considerei uma ideia excelente, pois era a forma de me desprender dos bens materiais.

RL | Que acontecimentos ao nível regional, nacional e internacional destacaria como os mais marcantes para si, quer seja na atualidade como ao longo da sua vida?

JCA | As visitas à Madeira do Papa João II e do segundo astronauta que chegou à Lua, Buzz Aldrin, foram dois acontecimentos marcantes de duas personalidades que se distinguiram no mundo. A nível nacional, a passagem da ditadura para a democracia. A nível internacional, a chegada de Nelson Mandela à presidência de África do Sul, depois de 27 anos isolado e em silêncio na

prisão. Ao sair da prisão, trazia a alma cheia de amor. Não tinha nem ódios, nem revoltas, nem raivas. Uma grande lição para toda a humanidade.

RL | Certamente que perdeu a conta às viagens que fez, quer tenham sido realizadas no âmbito profissional, como por lazer. Que significado têm? Quais as que destaca e porquê?

JCA | Todas as viagens foram ótimas, porque todas elas foram antes sonhadas. Com as viagens, ganhei novas e mais corretas perspectivas das terras e das pessoas. Para mim, não existem países mais bonitos do que outros. Todos têm os seus encantos e é preciso descobri-los. Aprendi que todos os povos são iguais nas alegrias e nas tristezas.

RL | Como se sente ao viver rodeado de mar?

JCA | Não poderia viver sem o mar. Quando vivi em Roma, em Bolzano e no sul de Ingraterra, andava sempre à procura do mar, tais eram as minhas saudades. Em Roma, por exemplo, levava horas de viagem para chegar a Ostia Antiga, via o mar e voltava trazendo-o nos olhos.

RL | O que é, para si, a escrita?

JCA | Uma forma de comunicar com os outros, com os que conheço e os que desconheço.

RL | O que representam os livros que já escreveu?

JCA | São manifestações da minha vida, histórias de uma vida, vivida intensamente.

RL | Que sonhos de menino pôde concretizar ao longo da sua vida? Pode partilhar que sonhos ainda tem?

JCA | Quando era menino, sonhava sempre que a zona onde eu vivia, Rua da Santa Maria – ali vivi, cresci, tornei-me homem –, um dia perderia o estigma de rua de prostitutas e passaria a uma das zonas mais visitadas. Quando voltei de Roma, lutei para que aquela rua fosse considerada zona histórica do Funchal. Inclusivamente, concorri ao “Pomme d’Or”, um prémio destinado às cidades antigas.

RL | Como define a cultura madeirense? O que a torna especial?



João Carlos Abreu com o nosso Secretário Regional da Educação, Dr. Jorge Carvalho, e a Ministra da Educação, Família e Inclusão Social de Cabo Verde, Dra. Maritza Rosabal, na cerimónia de entrega de prémios da 5.ª edição do CriaPOESIA - Encontro Juvenil do Atlântico. Ao lado da ministra está Ferdinandina Sousa.

Ao longo a sua vida, João Carlos Abreu foi distinguido por diversas vezes, com prémios de mérito nacional e internacional. Desses, podem destacar-se:

- o doutoramento “**Honoris Causa**” em Ciências Sociais, pela Universidade de San Cyrillo, em 2003;
- o grau de “**Grande Oficial da Ordem de Mérito**”, pelo Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, em 2005;
- a Medalha de **OURO DE MÉRITO**, pelo Estado Português, em 2007, no dia Mundial de Turismo;
- a “**Insígnia Cordão Valor em Ouro**”, pelo Governo Regional da Madeira, em 2008, no Dia da Região;
- a Medalha de Mérito Cultural “**Jorge Amado**”, pelo Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais, em 2013;
- o Prémio Internacional “**Lorenzo il Magnifico**”, atribuído pela Academia Internacional Medicea (Florença), em 2019.

João Carlos Abreu foi o primeiro (e único) português a ser galardoado com o Prémio Internacional “Lorenzo il Magnifico”, ao lado de nomes tão proeminentes como Simone Veil, primeira mulher presidente do Parlamento Europeu; Humberto Eco, escritor; Óscar Niemeyer, arquiteto; António Zichichi, físico; Dario Fo, Prémio Nobel da Literatura; François Mitterrand, Presidente da República de França. A distinção de JCA deve-se ao *trabalho desenvolvido em prol da cultura e do turismo, e com reflexos na comunidade europeia, segundo a CRIAMAR, a instituição fundada por João Carlos Abreu para a área social.*



JCA na cerimónia de entrega de prémios da 5.ª edição do CriaPOESIA - Encontro Juvenil do Atlântico com o ator Pedro Lamares, Secretário Regional da Educação, Dr. Jorge Carvalho, a Diretora Regional da Cultura, Dra. Teresa Brazão, o Secretário Regional da Educação e Cultura dos Açores, Dr. Avelino de Freitas de Meneses, e a Ministra da Educação, Família e Inclusão Social de Cabo Verde, Dra. Maritza Rosabal.



JCA— ano 2003 — a ser condecorado numa cerimónia de Doutoramento *Honoris Causa* – Convento Santa Clara - Funchal

JCA Defino-a como uma realidade, embora não desligada do Continente. A questão da distância a que nos encontramos e o ambiente que nos envolve todos os dias tem de influenciar, forçosamente, a escrita. É uma vivência completamente diferente: são as paisagens, os miradouros dependurados nos abismos, as rochas esculpidas pelo vento, o mar calmo e, às vezes, revoltado, são as ruas características e o doce falar das gentes. Tudo isto tem uma grande carga emocional, que ajuda a perspectivar a vida de formas diferentes.



JCA galardoado com Prémio Internacional “Lorenzo il Magnifico”



JCA - anos 2000 – 2010 – como Júri no concurso “As Sete Maravilhas” – FNAC - Funchal



Teatro: da libertação à humanização

O percurso

Organização: Revista *Leia FF*

(Texto/Imagem: cedidas por Henrique Correia)

Anualmente, passam centenas e centenas de jovens pelas salas de aula da Francisco Franco. Ao longo dos seus 131 anos de história, a nossa Escola já viu «crescer» pessoas que se destacaram nas mais variadas áreas, dentro e fora da Região e do país, e que vamos dando a conhecer na secção «Carreiras».

Todavia, por onde andam os mais novos? O que é feito dos alunos que nos deixaram há apenas alguns anos? É o que tentaremos saber, neste novo espaço. Hoje, estaremos no rasto de... Henrique Correia.

FICHA TÉCNICA

NOME: Henrique Correia

IDADE: 22 anos

PERÍODO FREQUENTADO NA FF: 2013-2016

HABILITAÇÃO: Licenciatura em Teatro

(Universidade de Évora)





O meu nome é Henrique Correia e fui estudante da Francisco Franco entre 2013 e 2016, tendo ingressado no ensino superior no curso de Teatro nesse mesmo ano.

Enquanto aluno do curso de Línguas e Humanidades, percebi que este agrupamento foi uma parte fundamental na minha escolha a nível superior, pois, desde muito cedo, senti um chamamento para a leitura, oratória e interpretação textual e de signos, vertentes essas que o ensino secundário acabou por aprimorar em mim, tornando aquilo que era apenas um chamamento numa certeza para o futuro.

E é neste turbilhão de crenças e certezas que, muitas vezes, nos desafiam e abalam a nossa firmeza nas escolhas, que me fizeram enveredar por um caminho de pedras muitas vezes bicudas, disformes e firmes que me calcaram os pés, tornando-me naquilo que sou hoje. Sei que este caminho, por mais agreste, escuro e até mesmo doloroso que possa parecer, é ao mesmo tempo avassaladoramente incrível.

A ideia de emancipação escolar e de início de percurso profissional é muitas vezes assustadora, especialmente quando desprovidos da presença familiar ativa, bem como das nossas amizades (aparentemente eternas). No entanto, o ensino superior potenciou em mim várias valências que eu próprio desconhecia que possuía *a priori*.

O meu percurso académico foi realizado na cidade de Évora, uma localidade que, até à data de ingresso, nem sabia muito bem onde ficava nem que aspecto teria. Porém, este factor, visto do meu prisma, era algo que alimentava a minha força para estudar, tornando o caminho empedrado mais uniforme, à medida que o percorria. Caminho esse que me conduziu, por vezes, a becos sem saída, fomentando a ideia de regressar a casa e de deixar o sonho pendurado, desistindo do meu percurso, mas que também me levou por ruas e ideologias bem iluminadas, que me fizeram ter a certeza de que estava a navegar para o sítio certo.

A verdade é que, ao longo dos meus três anos de licenciatura, fui capaz de ir percebendo quem sou e no que me revejo, e tudo isto foi possível devido à liberdade artística potenciada pelo Departamento de Artes Cénicas da Universidade de Évora. Assim que ingressei, pude realizar uma *performance* intitulada de «Necrose», que a direção da que a direção da Escola Secundária

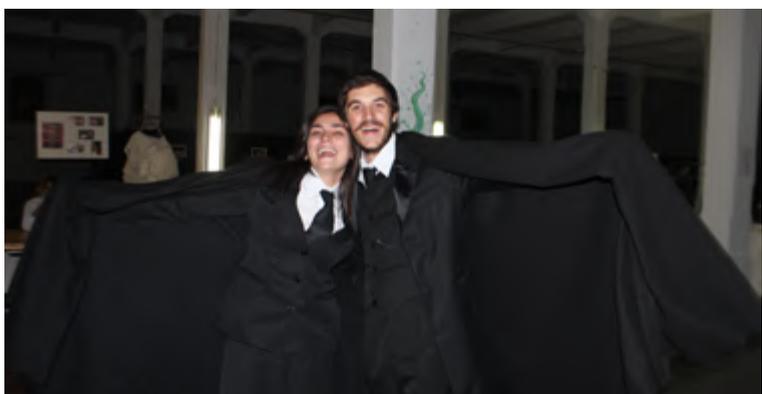
de Francisco Franco permitiu que apresentasse também na sua instituição. Esta manifestação artística trouxe à tona várias incertezas e inquietações que tinha dentro de mim: a minha expressão de género, bem como a importância da minha voz para o mundo: o falar, ser ouvido e não compreendido. Paradigma este que é um medo que nos abrange a todos e que nos impede, muitas vezes, de darmos o nosso potencial imediatamente, tornando-nos num outro fantasma que boia na existência e que assiste, inerte, à sua passagem.

Estas flutuações são o que nos torna vivos e o que nos permite fazer escolhas e progredir, a insatisfação como apneia é o que nos faz falar, é o passar por cima da existência e caminhar no mar onde todos boiam: aqui é que encontramos a verdadeira dificuldade, e é este ponto que nos torna estudantes eternos, a insatisfação de não saber e de querer sempre melhorar e evoluir. É este percurso de ascensão que importa, mesmo quando paramos, porque estamos tristes ou cansados, mesmo quando ficamos semanas simplesmente a boiar, mesmo quando nos afogamos rapidamente e a uma velocidade abismal, o que nos interessa é que mais tarde ou mais cedo voltaremos à tona com novas aprendizagens e formas de ver as coisas.

De todas as experiências que tive, esta foi sem dúvida uma das maiores lições que aprendi, através das minhas opções e das consequências das mesmas. Com tudo isto, não quero, de maneira alguma, parecer ou insinuar que a experiência que tive foi negativa, muito pelo contrário, foi para mim uma verdadeira catarse



GC- *Gladiadores*



GC- Traçar da capa- vida académica



GC- *Necrose*



GC- *Necrose*



GC- *Ball*

peçoal, que voltaria a repetir, se possível. Os frutos que colhi deste cultivo pessoal foram todos eles gratificantes e suculentos, que me tornaram numa pessoa melhor, comparativamente àquela que se apresentou em 2016. Tornei-me mais crítico, opinativo, paciente e sobretudo mais humano e, sem dúvida, mais consciente, quer a nível mundano, quer a nível intelectual. E nisto entra evidentemente o papel fundamental da minha mãe, que desde sempre se prontificou a ajudar-me, a apoiar-me e a ensinar-me como me tornar num bom adulto e isto, para mim, foi algo que o ensino superior venceu ainda mais na minha pessoa.

Toda esta humanização só me trouxe vantagens quer a nível inter-relacional, quer a nível artístico: compreender, aceitar o meu ser e o daquele com quem trabalho, ter a capacidade de ajudar sem ser solicitado e de perceber que é isso que nos torna artistas humanos e vivos. É ter a necessidade de suspender o meu trabalho para ajudar o outro e perceber que, no fim das contas, acabei por aprender algo nessa interajuda (o que alguns cursos artísticos não permitem que os seus integrantes sintam, infelizmente). Por isso, agradeço profundamente a experiência incrível que tive e a oportunidade mágica de poder realmente estudar aquilo de que eu mais gosto, que é o TEATRO.

Henrique Correia

Clube de Ecologia BARBUSANO

Sinopse do Clube

Organização: Clube de Ecologia Barbusano

(Texto: Prof. Diamantino Santos/Imagem)

O Clube de Ecologia Barbusano nasceu na Escola Francisco Franco no ano de 1988, por iniciativa de um grupo de docentes da Escola e tendo como coordenador o Dr. Raimundo Quintal. Atualmente, é coordenado pelo Dr. Diamantino Santos, Docente da disciplina de Geografia, tendo plena percepção dos males que assolam a Terra e das ações que deveriam ser feitas para travarmos a degradação do ambiente.

A necessidade de alerta para as questões ambientais, de reforçar o conhecimento adquirido em aula pelos alunos e de envolver a comunidade educativa, e o público em geral, nesse saber fez despertar e concretizar a ideia de levar a escola para fora das suas paredes e mostrar que um planeta que precisa de (sobre)viver, para continuar a acolher-nos da melhor maneira, necessita da participação ativa de todos nós que o habitamos. Mas, para que a consciência dessa realidade desperte, o conhecimento livresco não basta, é necessário conhecer a realidade “da casa onde vivemos”, só assim podemos “arrumá-la” por forma a desfrutarmos do seu conforto. Com essa certeza em mente, nasceram as saídas de campo, abertas a todos, que solidificam os saberes, proporcionam outros e levam a atitudes que têm como objetivo PRESERVAR, respeitando e sendo solidário com a Natureza.



Estanquinhos – Caminho das Ginjas – Levada do Norte - Encumeada

Saída de campo/Visita de Estudo

Organização: Clube de Ecologia Barbusano
(Texto: Prof. Diamantino Santos/Imagem)

Na parte ocidental do maciço central montanhoso, a oeste dos vales de São Vicente e da Ribeira Brava, localiza-se o maior planalto da Madeira, o Paul da Serra. Com uma área aproximada de 20 km² estende-se a uma altitude média entre os 1400 e os 1500 metros e constitui um grande reservatório de água, oriunda da elevada precipitação anual que ocorre nesta área. Abastece continuamente inúmeras nascentes, ribeiras e levadas que dali partem. Nesta área aplanada, destaca-se o Pico Ruivo do Paul, com 1640 m, e a Bica da Cana, com 1620 m de altitude. Entre estes, aos 1580 metros, localiza-se a casa florestal dos Estanquinhos, cuja edificação primitiva foi mandada construir, no final da 1.^a metade do século XIX, pelo Governador Civil do Funchal, José Silvestre Ribeiro.

Junto à casa florestal, o Caminho das Ginjas, também conhecido por Caminho das Voltas, serpenteia na vertente norte num traçado declivoso aos ziguezagues e por cerca de 9 km, até às Ginjas. O nosso percurso, num total aproximadamente de 13 km, inicia-se neste caminho rochoso e, descendo aos poucos, somos ladeados por uma vegetação rasteira com predomínio de feiteiras, alecrim da serra, carqueja e urzes. Ao fim de 3 km, aos 1325 m, atingimos a Casa do Caramujo. É obrigatório visitá-la e à sua lagoa natural. A habitação fora construída pela extinta Direção das Obras Públicas, do então distrito do Funchal, restando, atualmente, as suas ruínas envoltas em hortênsias, buxos, araucárias, nogueiras e carvalhos. Aqui, aproveitámos

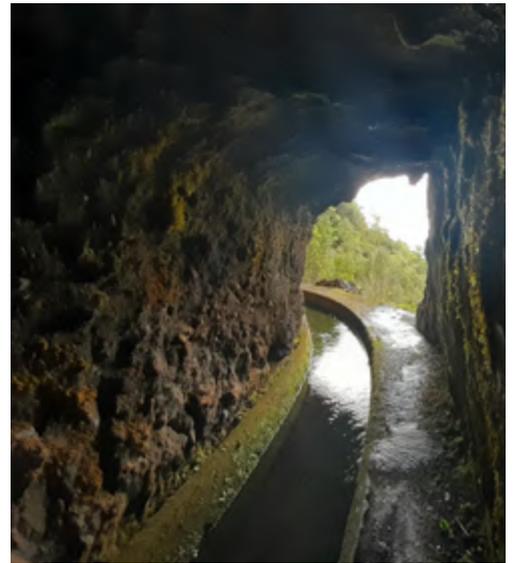
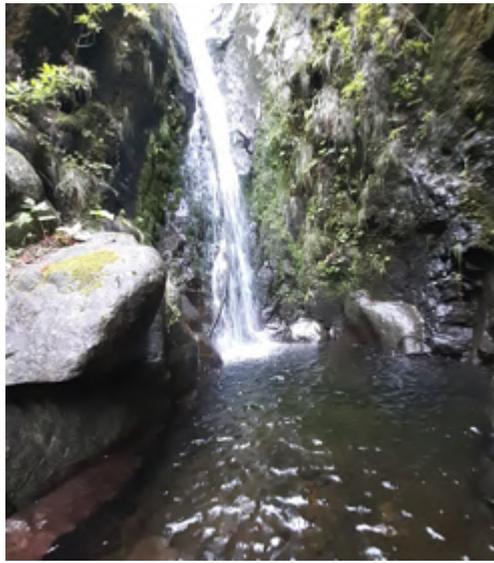




para descansar, retemperar forças e apreciar os arredores, antes de visitarmos a lagoa de inverno e tomarmos a vereda, que por aqui foi aberta há poucos anos, e que permite uma chegada mais rápida e bem mais agradável à Levada do Plaino Velho ou Levada Velha do Caramujo. Esta, recentemente recuperada, permite alcançar, por um percurso alternativo, o imponente Paredão (chamado de Rocha do Pacinho), que não é mais do que um grandioso dique que corta o vale ao meio, deixando a descoberto, de um lado, vistas espetaculares sobre o Curral dos Burros, do outro, sobre o Monte Trigo. Mas hoje a nossa intenção é continuar pelo caminho das Ginjas, por mais 3 km, e atingir a Levada do Norte, que leva a água do Seixal até à Ribeira dos Socorridos. Na esplanada desta levada, aos 1000 m, atravessamos o coração da Laurissilva em todo o seu esplendor e biodiversidade, com larga profusão de espécies características desta floresta, desde as árvores de maior porte, til, vinhático, barbuzano e loureiro, até às espécies mais rasteiras, musgos, hepáticas e líquenes.

Antes do 4.º túnel, situa-se o Folhadal, paraíso onde a água cai vertiginosamente na floresta de folhados. Os folhados são árvores indígenas da Madeira e Canárias que florescem entre julho e setembro e se enchem de flores brancas e aromáticas. Além das suas qualidades decorativas, o homem do campo utilizava-o como alimento para o gado. Dos seus troncos novos e diretos, fazem-se bordões bastante leves e resistentes. Continuando na esplanada da levada, percorremos o 4.º e o 5.º túneis e chegamos à vertente Sul. Aqui, a levada recebe o seu afluente da margem direita, a levada das Rabaças, com origens na cabeceira da ribeira da Ponta do Sol. Agora, num painel de levada mais largo, em vinte e cinco minutos, percorremos uma floresta menos luxuriante, mas ainda rica em espécies como vinhático, pau branco, faias, carlina, estreleira, urzes, hortênsias, azálias e um conjunto diversificado de flores silvestres – até chegarmos à Encumeada, a 1007 m, na boca da cabeceira das ribeiras de S. Vicente e da Ribeira Brava.

Clube de Ecologia Barbusano



Laurissilva – Estado de Conservação e Ameaças

Conferência

Organização: Clube de Ecologia Barbusano

(Texto: Prof.ª Elsa Maria de Freitas Araújo/Imagem)

No passado dia onze de novembro, o Clube de Ecologia Barbusano promoveu uma conferência sobre a Laurissilva. O evento decorreu na Sala de Sessões, com a participação de duas turmas de décimo segundo ano, o 12.º 07 e o 12.º 22. Os conferencistas convidados foram o Engenheiro Henrique Costa Neves, ex-Diretor do Parque Natural da Madeira, e o Dr. Nélio Jardim, Técnico Superior do Instituto de Florestas e Conservação da Natureza. A abertura da conferência esteve a cargo do Dr. António Pires, Presidente do Conselho Executivo da Escola Francisco Franco, tendo sido moderada pela Dra. Elsa Araújo, do Clube de Ecologia Barbusano.

O Engenheiro Henrique Costa Neves fez um historial do Parque Natural da Madeira, tendo referido os primórdios da sua criação, as lutas que travou, as conquistas que obteve, mas também algumas perdas sofridas. Uma dessas lutas teve que ver com o aproveitamento da água para fins hidroelétricos na zona do Caldeirão Verde, a qual culminou com um aproveitamento parcial da mesma, ficando assegurado o caudal ecológico.

Ao longo da sua apresentação, o ex-Diretor do Parque Natural da Madeira deu particular destaque à área protegida da Laurissilva, tendo referido a relevância que a floresta indígena madeirense tem no contexto da biodiversidade global, sendo a mais extensa e em melhor estado de conservação da Macaronésia. Enfatizou as várias ameaças que pairam sobre a Laurissilva, entre as quais as plantas



invasoras e a abertura de estradas mal implantadas. Relativamente às plantas invasoras, destacou que em vários locais estão a causar desequilíbrios significativos e que é urgente o seu controlo. No que diz respeito à abertura de estradas mal implantadas, manifestou o seu profundo desgosto pela abertura, na década de oitenta, da estrada que liga os Estanquinhos (Paúl da Serra) ao Sítio das Ginjas (São Vicente) e da intenção do Governo Regional em pavimentar a mesma. Segundo este conferencista, trata-se de uma área em muito bom estado de conservação, que apresenta um núcleo interessante de adernos, árvore rara na Laurissilva, sendo fundamental a sua preservação. Ainda neste contexto, referiu que esta estrada não tem relevância para a população local, na medida em que já existe um acesso ao Paúl da Serra pela zona da Encumeada e que a sua pavimentação é uma séria ameaça ao equilíbrio daquele ecossistema.

No que diz respeito à intervenção do Dr. Nélio Jardim, referiu a origem da Laurissilva e relevou os serviços que este ecossistema nos oferece, entre os quais a produção de água. Explicou que a água presente nos nevoeiros por precipitação de contacto, também chamada de oculta ou horizontal, escorre pela planta e infiltra-se no solo, indo posteriormente abastecer os aquíferos e nascentes. Este fenómeno ocorre predominantemente na costa norte da ilha, onde está localizada a Laurissilva e a vegetação nativa de altitude, sendo esta água encaminhada posteriormente para a costa sul, através de levadas. No decurso da sua apresentação, o Dr. Nélio Jardim exibiu um conjunto de bonitas e interessantes imagens referentes a alguns seres vivos que fazem parte desta área protegida, entre os quais, arbustos, moluscos e aves, tendo destacado algumas características particulares destes organismos.

Este técnico superior do Instituto de Florestas e Conservação da Natureza também destacou alguns fatores que põem em causa o equilíbrio da Laurissilva, entre os quais as plantas invasoras. A este nível, mencionou vários exemplos, como a bananilha e o maracujá-banana, tendo referido como atua o seu poder invasor e as medidas para a sua eliminação.

O clube de Ecologia Barbusano informa que esta conferência se encontra disponível no *Facebook* da escola e agradece, mais uma vez, a colaboração do Conselho Executivo, na pessoa do seu Presidente, o Dr. António Pires. Agradece também ao Engenheiro Henrique Costa Neves, ao Dr. Nélio Jardim e ao Grupo de Multimédia, pela sua atenção e disponibilidade na gravação da conferência.

Novembro de 2020



Da esquerda para a direita, o Engenheiro Henrique Costa Neves, a Dra. Elsa Araújo, o Dr. Diamantino Santos e o Dr. Nélio Jardim.

Plano de Atividades 2020/2021

Clube de Ecologia Barbusano

Organização: Clube de Ecologia Barbusano
(Texto: Prof. Diamantino Santos/Imagem)

O Clube pretende, com as suas atividades, desenvolver na Comunidade capacidades no domínio da leitura e interpretação das paisagens, natural e humanizada, da Ilha da Madeira.

Pretende, igualmente, contribuir para a formação de espíritos críticos, de cidadãos capazes de defender o ambiente e o património, dois conceitos indissociáveis.

I - Saídas de Campo / Visitas de Estudo

- 24 - Outubro – Estanquinhos – Caminho das Ginjas – Levada do Norte – Encumeada
- 21 - Novembro – Lombo Grande – Levada do Castelejo – Achada (Porto da Cruz)
- 16 - Janeiro – Raposeira – Levada Nova da Calheta – Ponta do Pargo
- 27 - Fevereiro – Poço da Neve – Levada do Barreiro – Altos Tornos – Corujeira de Dentro
- 13 - Março – Ribeira Funda – Miradouro das Voltas – Fajã do Penedo
- 10 - Abril – Visita ao Fanal – Levada dos Cedros – Curral Falso
- 22 - Maio – Levada da Achada Grande – Ribeira dos Moinhos – Levada Grande (Boaventura)
- 19 - Junho – Levada do Barbusano – Levada Nova – Levada do Moinho – Lombada Ponta do Sol
- 03 - Julho - Almoço convívio

II - Conferências

- 1.º Período: “Laurissilva - Ameaças e Medidas de conservação”
- 2.º Período: Gestão dos Recursos Hídricos na ilha da Madeira
- 3.º Período: Biodiversidade na ilha da Madeira e Medidas de Conservação

III - Outras Atividades

- Apoio a alunos e professores.
- Dinamização do *Facebook* e do *site* do clube.
- Edição e divulgação de informação sobre questões ambientais.
- Atualização da mediateca do Clube.
- Elaboração e divulgação de trabalhos referentes às Visitas de Estudo.
- Participação em Encontros de Educação Ambiental e Cultural.
- Colaboração/parcerias com outros grupos/projetos ligados à Educação Ambiental e Cultural.

Pel`A Direção do Clube.
Diamantino Santos

O logotipo do Clube de Física e Química

Desafio à Comunidade Educativa

Organização: Clube de Física e Química

(Texto: Prof.ª coordenadora Irene Geraldès/Imagem)

O logotipo do Clube de Física e Química não é apenas um símbolo que facilmente é lembrado, mas contém uma mensagem acerca da trajetória que o Clube pretende seguir. Sedimentar uma cultura científica de base humanista, mobilizando a compreensão de processos e fenómenos científicos que permitam a tomada de decisão e a participação ativa dos nossos alunos enquanto cidadãos é o que nos move.

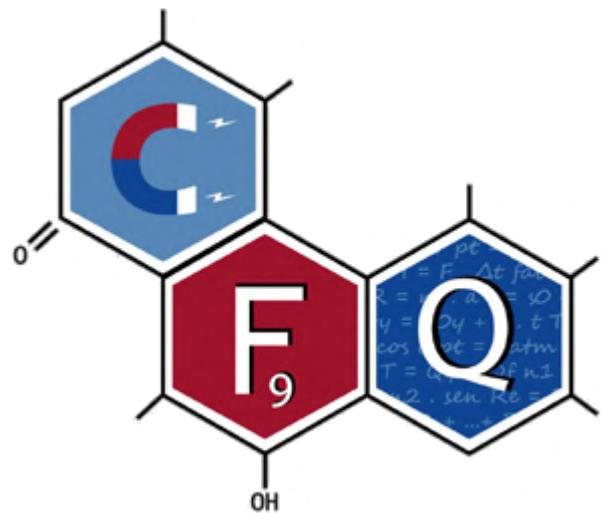
O desafio para a elaboração do logotipo foi lançado à Comunidade Educativa. Das mais de uma centena de propostas que nos enviaram, a proposta vencedora pertence à aluna Diana Cristina Gonçalves Nogueira que, no ano letivo de 2019/2020, frequentou o 12.º ano do curso de Artes Visuais. A Diana procurou ajuda científica junto de um colega que, na mesma altura, frequentava o 12.º ano do curso de Ciências e Tecnologias. Em conjunto, desenvolveram um trabalho profícuo e de colaboração, que culminou no magnífico logotipo que representa o Clube de Física e Química. Segundo a Diana, o logótipo tem por base uma fórmula esquelética que envolve as iniciais do clube (CFQ) em hexágonos, com as cores da escola. Faz alusão aos cicloalcanos e aos grupos funcionais dos álcoois e das cetonas.

O “C” representa um íman a puxar a “Escola Secundária de Francisco Franco”, daí o vetor com ponto de aplicação no centro de massa da Escola com direção horizontal e sentido da escola para o íman.

O “F” representa um dos 118 elementos da tabela periódica, o Flúor.

E o “Q” tem um fundo alusivo às mais variadas expressões usadas na Física e na Química.

Esta aluna foi premiada com um Cartão Oferta Fnac, no valor de 50 euros, tal como estava previsto no regulamento do concurso.



O Projeto Eco-Escola da Francisco Franco

Ligado à educação e sensibilização ambiental das comunidades escolares

Organização: Projeto Eco-Escola FF

(Texto/Imagem: cedidas pelo Projeto Eco-Escola FF)

O Projeto Eco-Escola da Francisco Franco é um projeto ligado à educação e sensibilização ambiental das comunidades escolar e educativa.

O mesmo encontra-se integrado no programa internacional da “Foundation for Environmental Education”, que em Portugal começou a ser desenvolvido em 1996, pela Associação Bandeira Azul da Europa (ABAE).

“O programa é coordenado a nível internacional, nacional, regional e de escola.”

Seguindo as linhas orientadoras da Coordenação Nacional, este Projeto é constituído por uma Coordenadora e um Conselho Eco-Escola. Este último comporta um representante do Conselho Executivo, um representante dos Encarregados de Educação, um técnico da Câmara Municipal do Funchal, um representante do pessoal não docente e seis discentes.

No início de cada ano letivo, é levada a cabo uma auditoria ambiental com o intuito de identificar os pontos fortes e menos fortes que a escola apresenta, nomeadamente no que concerne aos resíduos sólidos, recursos energéticos, água e biodiversidade, elaborando-se, de seguida, o Plano de Ação.

Para além da participação nas mais variadas atividades propostas pela ABAE, dinamizamos, ainda, sessões e ações de sensibilização, ligadas à preservação e uso sustentável dos recursos que o nosso Planeta oferece, tendo como público-alvo os alunos.

No final de cada ano, através de um processo de candidatura com regras já definidas pela ABAE, se a escola comprovar o seu bom desempenho ambiental, é-lhe atribuído o Galardão Eco-Escolas, mais conhecido por “Bandeira Verde Eco-Escolas”.

2019/2020 foi o primeiro ano em que a ESFF implementou o Projeto Eco-Escola, conseguindo, desde logo, atingir com sucesso todas as metas a que se propôs e, por consequência, a obtenção da Bandeira Verde.



Comércio Tradicional do Funchal

Reportagem fotográfica

Organização: Projeto “Conhecer o Funchal”

(Texto: prof.ª Teresa Sousa e Genoveva Correia, coordenadoras/Imagem: cedidas pelo Projeto “Conhecer o Funchal”)

O projeto “Conhecer o Funchal” saiu à rua para fazer uma reportagem fotográfica sobre as pequenas lojas tradicionais que ainda permanecem abertas na cidade do Funchal.

Constatámos que algumas das lojas centenárias ainda estão de portas abertas ao público, por exemplo a Livraria Esperança, o Bazar do Povo, a Casa Santo António e a Fábrica Santo António.

Ligadas ao sector do vestuário e calçado, encontrámos as lojas Amorim, Casa das Casimiras, Phoebus, Portugália, o Bom Porte, Casa Dural, Nova Minerva, a Casa das Noivas, a Chapelaria da Moda e a Sapataria Porto e ainda ligadas à retrosaria esbarrámos com a Casa Chinesa e a Casa Gonzales.

Na área dos materiais de construção, deparámo-nos com a Casa Santo António e a Casa das Tintas. Quanto a artigos para o lar e decoração, a Cristalândia é uma loja de referência que também oferece vendas *online*.

Relativamente a papelarias e livrarias, a Papelaria Condessa, a Papelaria do Colégio, a Livraria Esperança e a Livraria Paulinas estão presentes no centro do Funchal e oferecem aos madeirenses materiais escolares e todo o tipo de publicações literárias.

No que concerne à alimentação e restauração, é de salientar a permanência da Fábrica Santo António, da Pretinha dos Cafés, da Pérola dos Cafés, da Pastelaria Havaneza e do Golden Gate.

Ainda reportando ao pequeno comércio tradicional, há que mencionar as casas de jogos de fortuna ou azar: Esfera e Campeão.

Lamentavelmente, neste percurso citadino, deparámo-nos com o encerramento do emblemático Café Apolo e com o desaparecimento de estabelecimentos comerciais que foram uma grande referência para os madeirenses, tais como: Casa Banheiro, Casa Paris, AEG, Sino, entre outros.



Música em tempos de distanciamento

Concertos

Organização: Núcleo de Música FF

(Texto: Prof.ª Rosário Antunes/Imagem: cedidas pelo Núcleo de Música)

O Natal faz sempre parte da programação anual do Núcleo de Música (NM) da Escola Secundária de Francisco Franco, sendo marcado, geralmente, pela realização de concertos na Sala de Sessões.

Porém, devido às atuais circunstâncias de pandemia, tal não foi possível, mas não foi por isso que os elementos dos Grupos Vocal e Instrumental do NM deixaram de assinalar essa época festiva e de se sentir próximos de quem gosta de os ouvir. Assim, prepararam um curto repertório alusivo à quadra natalícia e, no dia 16 de dezembro, improvisaram uma sala de espetáculos à entrada do Polivalente, partilhando com quem passava o espírito festivo.

Várias foram as turmas e respetivos professores que marcaram presença nos mini-concertos, que decorreram desde o início da manhã até à tarde, e que até acompanharam, abrilhantando-as, algumas das interpretações. Temas como «Broas de mel», de José Carlos Godinho, «Magia do Natal», dos Calema,





«Happy Xmas (War Is Over)», de John Lennon e Yoko Ono, e «Mistletoe», de Justin Bieber, foram marcando o ritmo de aproximação das Festas e, também, da pausa letiva.

Outro momento que contou com a presença do NM da ESFF foi o evento sucedido no dia 12 de novembro, que marcou o arranque oficial dos trabalhos do Clube Europeu da nossa Escola, numa parceria com a Escola Embaixadora do Parlamento Europeu – EEPE e o Erasmus+ «Pronti, partenza, click: cammina in città e aiuta il planeta».

Por último, mas não menos importante, o Núcleo de Música não pode deixar de fazer referência à celebração dos 50 anos de carreira de Jorge Borges, também ocorrida no passado mês de novembro, num concerto comemorativo, denominado «Jorge Borges: Meio Século à Volta do Jazz» e que teve lugar no Teatro Municipal Baltazar Dias, no dia 13.

Músico, compositor e professor (de Economia), na verdade Jorge Borges dispensa apresentações. No que nos toca, a sua paixão pela música contagiou todos aqueles que passaram pelo NM, à frente do qual esteve durante muitos anos, emprestando talento, profissionalismo, sensibilidade e dedicação. A nossa vénia e felicitações por tão bonita e melodiosa carreira!



MIKRÓS

O Concurso à medida de todos

Organização: Revista *Leia FF*

(Texto: Prof.ª Rosário Antunes/Imagem: Prof.ª Isabel Lucas)

A revista *Leia FF* é uma publicação da Escola Secundária de Francisco Franco, onde se pretende dar a conhecer, fundamentalmente, as atividades ocorridas na escola, os projetos e concursos em que a comunidade educativa participa ou que promove, bem como trabalhos realizados pelos alunos, nas diversas áreas.

Desde novembro de 2001, altura em que saiu o 1.º número, a *Leia FF* tem sido um local de partilha, onde todos são convidados a dar o seu contributo, para que o conteúdo seja interessante, pertinente e, porque não?, lúdico. Muitos foram já os seus coordenadores que, ao longo destes quase vinte anos, têm tornado público o entusiasmo que se vive na Francisco Franco, estando esse papel, agora, a cargo das professoras Isabel Lucas e Rosário Antunes.

No intuito de alargar o seu âmbito cultural e, também, o seu espaço de partilha, a *Leia FF* promove o *MIKRÓS*, um **concurso de escrita e ilustração**, que se complementa em duas fases distintas e se divide em três categorias de participantes. A novidade deste concurso reside exatamente nas pessoas a quem se dirige: alunos, pessoal docente e não docente, que frequentem ou exerçam funções em estabelecimentos de ensino secundário da RAM.

Numa 1.ª fase, os concorrentes enviam uma micronarrativa (com, no máximo, 121 palavras) ou uma ilustração (com a dimensão de 21cm x 21cm). Em qualquer um dos casos, o tema é livre.

A 2.ª fase coloca a concurso o texto e a imagem que venceram a 1.ª fase, de modo a que os participantes (os mesmos da 1.ª fase ou outros, que não tenham ainda concorrido) ilustrem esse texto ou redijam uma micronarrativa (sempre com as mesmas normas), tendo por base a ilustração vencedora (ou seja, os trabalhos submetidos à 2.ª fase têm como tema os vencedores da 1.ª fase).

De realçar que cada categoria de participantes concorre apenas à sua categoria.

O *MIKRÓS* tem como principais objetivos promover o gosto pela escrita e pela leitura, incentivar a produção escrita em português, relacionar a expressão escrita com a expressão visual, desenvolver a criatividade a partir das ideias de um texto e / ou de uma imagem, fomentar a criação artística, explorar técnicas diversas de desenho e de escrita e reforçar a retórica visual (figuras de estilo).

A 1.ª fase está já a decorrer e termina a 28 de fevereiro. Aceitem o nosso desafio e consultem o [regulamento](#), para conhecerem todas as regras de participação.

MICRORREGULAMENTO¹

PRAZOS 2021 |

1.ª fase: até 28/2; 2.ª fase: até 31/5

CATEGORIAS DE PARTICIPANTES |

alunos, docentes e não docente (escolas secundárias da RAM)

CATEGORIAS DO CONCURSO |

escrita (máximo de 121 palavras) e ilustração (21cm X 21cm)

TEMA |

1.ª fase: livre; 2.ª fase: texto e ilustração que venceram a 1.ª fase

PRÉMIOS |

Júri; público (através do [Instagram](#) da [revista Leia FF](#))

1 - (não dispensa a consulta do regulamento)

edição



MIKRÓS

Concurso de escrita e ilustração

Secundário

Destinatários | alunos, docentes e não docentes

1.ª fase | 28 de fevereiro

2.ª fase | 31 de maio

2020 | 2021



Habitar estórias

Exposição de Nelson Henriques

Organização: Prof. Rui Pedro Berenguer, coordenador da Galeria de Arte FF

(Texto/Imagem: Prof. Rui Pedro Berenguer)

A exposição de Nelson Henriques “Habitar estórias” apresenta uma série de ilustrações (de técnicas variadas, que vão desde pintura a aguarela ou acrílico ao bordado, passando pela linogravura), de dez livros ilustrados, assim como alguns dos estudos que as antecederam, bem como algumas peças de artesanato de autor.

Nelson Henriques foi aluno da Escola Secundária de Francisco Franco entre 1997 e 2000, exercendo atualmente a profissão de *designer gráfico*.



Biografia:

Nelson Henriques

Organização: Prof. Rui Pedro Berenguer, coordenador da Galeria de Arte FF

(Texto/Imagem: Prof. Rui Pedro Berenguer)

Nasceu em Câmara de Lobos, em 1982. Foi aluno da Escola Secundária de Francisco Franco entre 1997-2000, do curso Técnico de *Design*. Em 2004, licenciou-se em Arte e *Design*, variante *Design/Projectação*, pela Universidade da Madeira. Com *A Bruxinha Matilde e o Elefante Verde*, deu o primeiro passo na área de ilustração infantil, seguindo-se uma série de projetos com edição regional, nacional e internacional.

No livro *A Chave*, escrito por Graça Alves, editado em 2015 e direcionado a um público adulto, aborda a ilustração numa perspetiva diferente, sem perda de identidade visual, até então evidenciada nos livros infantis.

É autor de um *layout* de uma das sardinhas da coleção inicial da *Sardinha By Bordallo Pinheiro*. Venceu o primeiro prémio do concurso de ilustração “Património Material e Imaterial da Cultura Popular e Madeirense”, promovido pelo Museu Etnográfico da Madeira.

Integrou exposições na Casa da Cultura de Santa Cruz, tais como “Traços de histórias” (individual) e “Revoredo” (coletiva). Nos últimos anos, tem vindo a apresentar projetos de artesanato/peça de autor, reinterpretando aspetos identitários da ilha da Madeira. Exerce a profissão de *designer* gráfico.



Do traço ao olhar

Organização: Prof. Rui Pedro Berenguer, coordenador da Galeria de Arte FF
(Texto: Graça Alves/Imagem)

A ilustração do Nelson Henriques guia-nos pelos caminhos da inocência. Cada traço inaugura o ponto exato onde nasce uma fonte de memórias. Cruza-se, aí, a história do autor que lhe emprestou as palavras e a sua própria história, um repositório de vivências e de olhares sobre as coisas e o mundo.

O universo do Nelson reveste-se sempre de uma ternura (quase) infantil, coisa de colo e de espanto e reúne, em cada ilustração, o melhor que as palavras lhe sussurram, na intimidade que acontece, entre o artista e o suporte.

Devo contar – porque eu sei – do voo das mãos sobre o papel, quando o tempo lhe diz, - este é o tempo;

Devo contar – porque eu sei – da liberdade do primeiro esboço e da busca cuidada do fim;

Devo contar – porque eu sei – da coreografia das palavras que ela torna visuais.

No processo de criação do Nelson, fica inscrito o tempo, como um menino que rabisca, primeiro, e que, ao longo da vida, vai aperfeiçoando o gesto, vai complexificando o que começa simples. Exatamente como na vida.

Nesta exposição, percebemos a sua verdade: o vagar, a tentativa, a correção da mão, a escolha das cores, o mistério dos pormenores. E os olhos. Prende-se neles o nosso olhar.

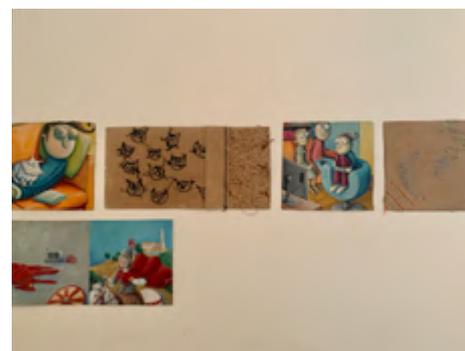
Porque é no poço profundo dos olhos que o Nelson guarda o mundo.

Devo, então, contar – porque eu sei – que o Nelson gosta de olhar. Talvez nos ensine a demorar a nossa atenção nos olhos das personagens que constrói. Nesse contacto direto, olhar a olhar, as crianças descobrem emoções e os adultos revisitam e convocam, de novo, a memória redonda dos sonhos.

O Nelson ilustrador guarda o mundo no olhar e tem a generosidade de o dar a ver, como quem oferece um presente.

Graça Alves

Novembro de 2020





1.ª Edição do Concurso Ensaio Filosófico da ESFF

ensaio vencedor

Organização: Prof.ª Paula Gonçalves, delegada de Filosofia
(Texto/Imagem)

Da “cidadania global” ao “Governo global”: uma evolução necessária

(Texto: Aluno António Silva)

A “cidadania global” é um conceito da filosofia política, que exprime a ideia de que os cidadãos atuais aspiram a uma intervenção e participação social que ultrapassa as fronteiras dos países onde vivem. Os problemas com que a humanidade se confronta tornam as fronteiras políticas e geográficas insignificantes e as suas soluções devem ser ponderadas e encontradas para além do âmbito dos interesses nacionais dos vários povos. Podemos encontrar na jovem ativista Greta Thunberg um exemplo de “cidadã global”, pois ela alarga as suas intervenções a todo o planeta, não se limitando a intervir no seu país de origem, a Suécia. A razão por que o faz é o facto de o seu ativismo ser de carácter ecológico, que é um problema global e não meramente local.

O conceito de “cidadania global” é indissociável do conceito de globalização, na medida em que podemos afirmar que é no contexto da globalização que surgem os “cidadãos globais”. Como o “cidadão global” resulta da globalização, temos de compreender este fenómeno. Hoje, o mundo encontra-se interligado, a todos os níveis: político, económico, social, ambiental, cultural, militar, tecnológico e ideológico. Reconhecendo isto, após a Primeira Guerra Mundial, com a Sociedade das Nações, houve o intuito de criar um órgão internacional que promovesse a cooperação e a paz entre os Estados, tendo, no entanto, falhado totalmente a sua missão. Apesar disso, após a Segunda Grande Guerra, devido aos impactantes acontecimentos de Auschwitz e Hiroxima, insistiu-se na criação de um grande órgão internacional, mais sólido que o anterior, para a condução dos assuntos mundiais, o que levou ao nascimento da ONU. Este órgão tem, desde 1945, desempenhado um papel importante na manutenção da paz, na promoção dos direitos humanos e, mais recentemente, no incentivo à “cidadania global”. Ainda assim, o direito de veto concedido a alguns dos seus membros limita bastante a eficácia da sua ação.

As instituições referidas nasceram da constatação de que existem problemas globais, que exigem uma resposta comum. Um desses problemas, considerado um dos maiores que a Humanidade atualmente enfrenta, é o das alterações climáticas. Este é um problema global, pois os problemas ambientais que afetam uma região do planeta tendem a afetar toda a humanidade: o grande foco de poluição resultante da rápida industrialização chinesa afeta a atmosfera do planeta, a seca em Espanha afeta o acesso à água em Portugal e a destruição da floresta amazónica afeta o equilíbrio ecológico mundial.

Outro problema global é a vaga de migrações, motivada pela pobreza extrema de alguns países. Também a atual situação de pandemia viral resulta do facto de o planeta estar totalmente conectado por meios de transporte extremamente rápidos. Ou seja, se a globalização trouxe significativas vantagens, também trouxe muitos problemas¹.

Em síntese, a globalização é a interligação de todos os países e habitantes do planeta num único sistema de interações, que dá a cada cidadão oportunidades globais, mas que torna os problemas também globais. O filósofo polaco Zygmunt Bauman expôs² este pensamento da seguinte forma: “Nós somos responsáveis uns pelos outros, apercebendo-nos disto ou não, querendo ou não, sendo a favor ou contra, pela simples razão de que, no nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida de toda a gente e tudo o que as outras pessoas fazem (ou deixam de fazer) acaba por afetar as nossas vidas.”

São os referidos problemas da globalização que exigem a “cidadania global” e “cidadãos globais”, que impõem a todos nós, alunos, professores e cidadãos em geral, que encarem a sua vida neste planeta não apenas como cidadãos portugueses, mas como verdadeiros cidadãos do mundo. O fracasso das tentativas de resolução multilateral dos maiores problemas da globalização faz renascer a utopia de um “Estado mundial” ou de um “governo mundial”, ou seja, a unificação de todos os países e territórios do planeta sob um único governo para as questões de interesse planetário. Tal como nos Estados Unidos da América, onde existe um governo federal para as questões nacionais e governos estaduais para as questões locais, também o planeta deveria ter um governo mundial para as questões comuns da humanidade, ficando os governos de cada país exclusivamente dedicados aos assuntos de interesse nacional. Observando o iminente desastre ecológico global que o nosso planeta enfrenta, vendo que há continentes inteiros, como África, que estão a ser deixados para trás no progresso da humanidade, vendo o ressurgimento de nacionalismos, até no continente europeu³, devemos questionar-nos se o mundo alguma vez poderá alcançar soluções eficazes e duradouras para os problemas que afetam a humanidade com meras conferências multilaterais ou no âmbito da ONU. Perante o caminho desastroso que a humanidade está a seguir, não seria uma das mais importantes tarefas do “cidadão global” empenhar-se na união dos países do mundo num único Estado, sob o comando de um único governo (mesmo concedendo poderes regionais ou locais aos atuais países)? Se temos problemas mundiais, não carecemos também de um “governo mundial” para os resolver? Fará sentido continuarmos a aceitar um mundo com centenas de países e fronteiras de ideologias e de interesses egoístas?

Com certeza que não será fácil atingir semelhante criação política. No entanto, tenho a forte convicção de que, dentro de poucas décadas, as situações de emergência planetária causadas pelos problemas acima referidos acabarão por impor uma solução dessa natureza. Claro que esta solução também tem riscos, como, por exemplo, a subjugação dos países mais débeis pelos mais fortes, a destruição de identidades culturais ou até de algumas línguas. Em suma, essa solução tem o risco de fomentar uma indesejável uniformização cultural e ideológica de toda a humanidade. Mas, não é isso que já está a acontecer atualmente: não estamos todos a comer nos mesmos restaurantes multinacionais, todos a beber os mesmos refrigerantes multinacionais, a ver os mesmos filmes, a usar os mesmos carros, computadores e telemóveis? Se já estamos a correr praticamente todos os riscos da globalização, porque não dar o passo seguinte, que passará pela unificação política mundial?

Esse será o trabalho, praticamente inesgotável, da reflexão filosófica das próximas décadas.

Bibliografia

Rawls, John, 1993, *Liberalismo Político*, Nova Iorque: Columbia University Press.

Nardin, Terry e Mapel, David, 1992, *Tradições da Ética Internacional*, Cambridge: Cambridge University Press.

Fukuyama, Francis, 1992, *O Fim da História e o Último Homem*, Gradiva

Bryson, Bill, 1994, *Made in America*, Bertrand Editora

1 Entre as vantagens, temos a enorme expansão do comércio mundial, que permite o acesso de toda a humanidade aos produtos fabricados em todos os cantos do mundo, a deslocação das pessoas para sítios onde a vida seja mais favorável e a massificação do turismo, que reforça os laços culturais.

2 in *Modernidade Líquida*, 2000, Zahar

3 de que são exemplos a Turquia, a Hungria e a Polónia.

‘Grande Ideia’ para a Francisco Franco

Organização: Suplemento «Ponto e Vírgula», em parceria com a Secretaria Regional de Educação e o Diário de Notícias da Madeira
(Texto: Dr. Cristovão Pereira/Imagem)

A Escola Secundária de Francisco Franco venceu mais uma edição do concurso ‘Grande Ideia’, uma iniciativa promovida pela Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, em parceria com o Diário de Notícias da Madeira e o Centro Comercial La Vie Funchal, no âmbito da publicação do suplemento mensal ‘Ponto e Vírgula’ (PV).

O concurso ‘Grande Ideia’, que visa promover e incentivar o desenvolvimento das capacidades criadoras de jovens estudantes da Região Autónoma da Madeira, premeia as melhores obras nas modalidades de conto, fotografia, ilustração, investigação histórica, poesia, reportagem e vídeo.

Na edição de 2019/2020, a Escola Francisco Franco venceu a modalidade de Ilustração, com o trabalho “Sapatos sobre fundo amarelo”, da autoria de Diana Camacho, aluna de 12.º ano, e a modalidade de Reportagem, com o texto “Cidadania na escola, jovens conscienciosos no Mundo”, redigido por Sara Sousa, estudante do 11.º ano.

A ‘Francisco Franco’ ocupou ainda o *podium* em mais duas modalidades: poesia e vídeo. A aluna de 10.º ano Matilde Brazão, com o poema “Os pés calcam a terra”, obteve o segundo lugar, e os alunos de 12.º ano, do curso profissional de Técnico Multimédia, Alexandre Santos, Fábio Mendonça, Francisco Martins e João Barradas ficaram na terceira posição, com o vídeo ‘Madeira Biodiversidade’.

Além da participação no concurso ‘Grande Ideia’, a ‘Francisco Franco’ também marcou presença no referido suplemento, com a publicação regular de trabalhos das Correspondentes Sara Sousa e Sara Andrade.

Fotos: *Facebook* da SRE

<https://www.facebook.com/SRE.GRM/photos/3360543774000659>



FF e CriaPOESIA:

mais uma edição a somar prémios

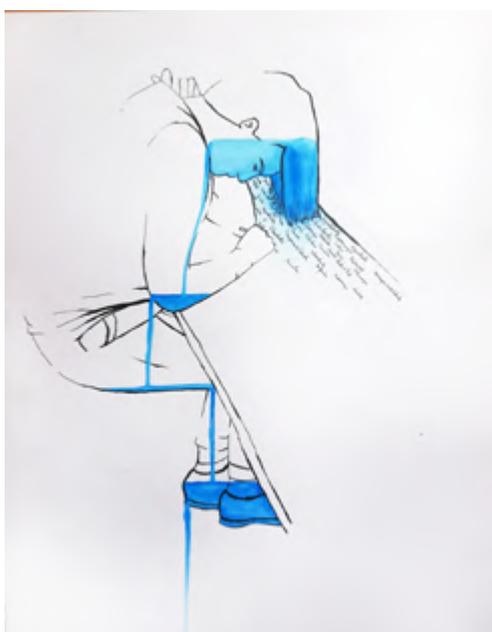
Organização: Associação CRIAMAR

(Texto/Imagem: Prof. Rosário Antunes)

A Escola Secundária de Francisco Franco arrecadou uma mão cheia de prémios, na categoria de Poesia Visual – Secundário, na 6.ª edição do concurso CriaPOESIA – Encontro Juvenil do Atlântico.

Ao contrário das edições anteriores, os vencedores de 2019/2020 foram dados a conhecer numa apresentação de vídeo, uma vez que, devido à pandemia, a realização da tradicional cerimónia de entrega de prémios não pôde realizar-se fisicamente. De relembrar que a ilha anfitriã desse evento seria a Terceira, no arquipélago dos Açores, e que já havia cerca de 300 alunos e professores de toda a Macaronésia com viagem agendada para participar no ‘fim de semana poético’, em maio do presente ano.

Das cerca de 1150 inscrições, nas categorias de Poesia e Poesia Visual, de 3.º ciclo e secundário, oriundas dos Açores, Cabo Verde, Canárias e Madeira, destacaram-se no pódio de Poesia Visual – Secundário os seguintes trabalhos dos alunos de 12.º ano da FF: *Palavras que nos enchem*, vencedor do 1.º prémio e Representante da Região, da autoria de João Tiago Jardim Reis Gomes, de 17 anos, e *Noite*, premiado com o 2.º lugar, de Adriana Marisa Gouveia Caires, de 18 anos. O júri distinguiu também estes estudantes da FF com Menções Honrosas: Augusta Matilde



1.º Prémio - *Palavras que nos enchem*, da autoria de João Tiago Jardim Reis Gomes, aluno do 12.º ano da FF.

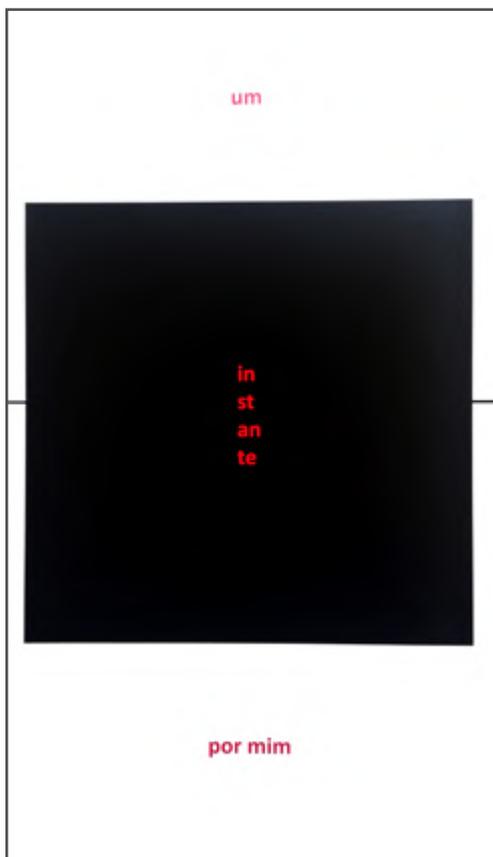
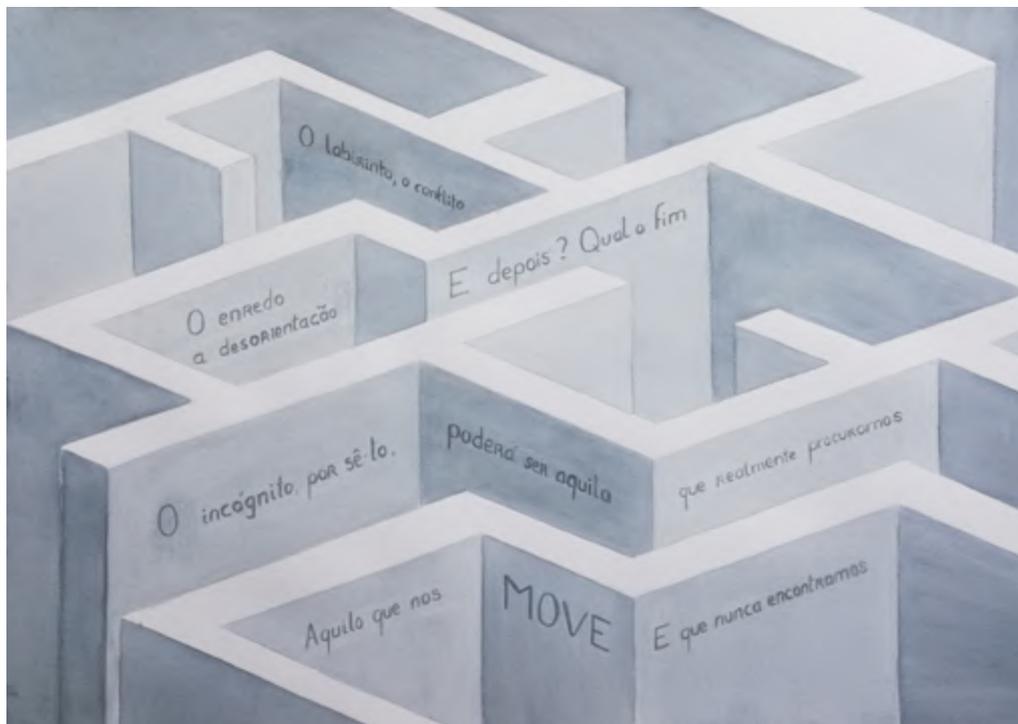
2.º Prémio- *Noite*, da autoria de Adriana Marisa Gouveia Caires, 12.º ano da FF.



Pestana Figueira Henriques, de 18 anos (12.º ano), s/título; Henrique Gonçalves Nunes, de 17 anos (12.º ano), s/título; e Natacha Fernandes Fontes Teles de Sampaio, de 16 anos (11.º ano), com o poema visual *A floresta de Espanca*. Na categoria de Poesia – Secundário, o poema *Vidas desperdiçadas*, de Ângela Beatriz Gomes do Pão Herculano Ferreira, de 15 anos (10.º ano) foi o selecionado como o Representante da Escola.

O CriaPOESIA – Encontro juvenil do Atlântico é um concurso de Poesia e Poesia Visual, promovido pela Associação CRIAMAR, sediada no Funchal e presidida pelo Dr. João Carlos Abreu, ex-Secretário Regional e mentor desta iniciativa. Tem como público-alvo os jovens que frequentam o 3.º ciclo e secundário em estabelecimentos de ensino nos quatro arquipélagos macaronésios, e a FF tem marcado presença, desde a edição-piloto, em 2015/2016, sendo que na 6.ª edição participou com cerca de 160 trabalhos.

Menções Honrosas - Augusta Matilde Pestana Figueira Henriques (12.º ano), s/título; Henrique Gonçalves Nunes (12.º ano), s/título; e Natacha Fernandes Fontes Teles de Sampaio (11.º ano), com o poema visual *A floresta de Espanca*.



FF premiada em Desenho

1.ª Edição do Concurso de Desenho

Organização: Galeria Marca de Água e a Câmara Municipal do Funchal
(Texto/Imagem: Prof.ª Isabel Lucas)

A ESFF participou na 1.ª Edição do Concurso Nacional de Desenho “Desenhar a História”, a partir das fotografias de Fernando Ricardo, lançada à comunidade educativa no ano letivo de 2019-2020, numa iniciativa promovida pela Galeria Marca de Água e a Câmara Municipal do Funchal. Os alunos do Curso Científico-humanístico de Artes Visuais participaram sob a orientação da professora Isabel Lucas, na disciplina de Desenho A.

A cerimónia ocorreu no dia 19 de novembro de 2020 e o júri foi composto por: Madalena Nunes, em representação da Câmara Municipal do Funchal, Raquel Fraga e Vasco Fraga, em representação da Galeria Marca de Água.

O júri atribuiu, na categoria do secundário o 2.º prémio à aluna Carolina Gonçalves (11.º 13), com o trabalho intitulado “Sem título”. O Grande Prémio foi atribuído por unanimidade à aluna Rafaela Pereira Luís (11.º 12).

A aluna Rafaela Pereira Luís foi convidada, posteriormente, pela Galeria Marca de Água, a expor o trabalho vencedor do Concurso Nacional de Desenho, na exposição coletiva com as artistas plásticas madeirenses que estarão em diálogo com obra de Sonia Delaunay.



1.º Prémio - Rafaela Pereira
Luís (11.º 12 - imagem da
direita)
2.º Prémio - Carolina
Gonçalves (11.º13 - imagem
da esquerda)

738 no Quadro de Mérito da ESFF

A ESFF celebrou, no mês de outubro, 131 anos

Organização: Conselho Executivo
(Texto: Dr. Cristóvão Pereira/Imagem)

A Escola Secundária de Francisco Franco celebrou, no passado mês de outubro, 131 anos. Este ano, por causa da COVID-19, não houve festa, mas, à semelhança dos anos anteriores, os alunos não foram esquecidos. No *ball* de entrada da escola foi inaugurado o Quadro de Mérito 2019/2020, que integra um total de 738 nomes de alunos que, no decurso do ano letivo, se evidenciaram pelo seu desempenho escolar no que respeita a conhecimentos, conduta cívica e participação ativa em iniciativas e projetos da escola.

O quadro de excelência (para classificações iguais ou superiores a 18 valores) contempla um total de 181 alunos; o de honra (para classificações compreendidas entre 17,0 e 17,9 valores) distingue 195 alunos; o de assiduidade (que premeia quem nunca faltou) apresenta um total de 359 estudantes e o quadro de atitudes e valores (que distingue a exemplar conduta cívica) contempla três alunos (um por cada ano de escolaridade).

No quadro de mérito 2019/2020, destacam-se com classificação final de 20 valores três alunos: Hugo Manuel Alves Henriques e Silva; Maria Constança Baptista Freitas e Mário Bernardo Correia Ganança. Neste momento, todos eles estão a estudar em Universidades no Continente.

Eis a relação dos melhores alunos por ano/curso 2019/2020:

10.º ano

Curso	Nome do aluno	Média
Ciências e Tecnologias	Luís Fernando Mendonça S. Nóbrega	19,9
Artes Visuais	Maria Beatriz Sousa Martins	19,1
Ciências Socioeconómicas	Diana Isabel Camacho Pereira	18,1
Línguas e Humanidades	Matilde Medeiro Ferreira Brazão	18,9

11.º ano

Curso	Nome do aluno	Média
Ciências e Tecnologias	Sara Raquel Teixeira de Sousa	19,9
Artes Visuais	Carolina Beatriz Barros Gonçalves	19,3
Ciências Socioeconómicas	Maria Leonor Faria C. Leme Veloza	19
Línguas e Humanidades	Nuno Gonçalo Correia Velosa	19

12.º ano

Curso	Nome do aluno	Média
Ciências e Tecnologias	Hugo Manuel Alves Henriques e Silva Maria Constança Baptista Freitas	20
Artes Visuais	João Gabriel Pestana Andrade	19,4
Ciências Socioeconómicas	Matias Gouveia da Silva Martim Picão G. Camacho Pereira Pedro Daniel Nóbrega Rodriguez	19,2
Línguas e Humanidades	Iara Garanito Nóbrega	18,8

Hélder Rodolfo Faria, do Curso Profissional de Técnico de Eletrónica, Automação e Comando, foi o melhor aluno dos cursos profissionais com média final de 18,1 valores.

O melhor aluno dos CEF (Cursos de Educação e Formação) foi Mário Bernardo Correia Ganança, que no ano letivo 2019/2020 frequentou o Curso de Serviços Jurídicos, com média final de 20 valores.

“Atitudes e Valores” distingue “Cidadania Global”

O prémio “Atitudes e Valores” para alunos de 10.º ano foi atribuído a Afonso Mendonça Jacinto, que frequentou a turma 1 do curso de Ciências e Tecnologias.

Eis a fundamentação para a atribuição da distinção:

“O Conselho de Turma considerou propor o aluno Afonso Mendonça Jacinto, número um, para o prémio “Atitudes e valores” pelo trabalho desenvolvido como delegado de turma. Ao longo de todo o ano, o Afonso assumiu sempre uma atitude de altruísmo, responsabilidade e dedicação aos colegas. Sempre disponível para os ouvir e para estabelecer ligações entre a turma e os professores, soube encontrar as melhores soluções para os desafios que iam surgindo. Privilegiou os interesses da turma em detrimento dos próprios e, de forma justa, ponderada e honesta, ajudou todos os colegas que precisavam. Os colegas de turma consideram, também, que o Afonso desempenhou o cargo de delegado de uma forma excepcional. Destacam a sua capacidade de organização, a sua responsabilidade e o seu altruísmo. Referem, ainda, a sua atitude humana, destacando que o Afonso estava sempre pronto para os ajudar, para esclarecer e para os animar”.

Paulo Ismael Branco Marote, do 11.º ano do Curso Profissional de Técnico de Turismo Ambiental e Rural, recebeu a distinção como reconhecimento “pelo exemplar esforço com que superou as dificuldades que lhe apareceram ao longo do ano letivo”.

O Prémio “Atitudes e Valores” relativo ao 12.º ano distinguiu os alunos António Tomás Cunha Camacho, Diana Sofia Ponte Camacho, Glória Regina Lopes Sousa, Júlia do Mar Freitas Assunção, Maria Teresa Bazenga de Portugal da Silveira e Teixeira, Matilde Brito Ferreira César e Rebeca Fernandes Fontes Teles de Sampaio, do 12.º ano, turma 11, “pela conceção, organização, processo de trabalho e concretização de uma temática de carácter ambiental, integrada no tema aglutinador da escola - «Cidadania Global» -, constituindo um mural para toda a comunidade educativa, que enriquece o espaço vivencial da escola”.

Constantes da Matemática

Desafio à comunidade escolar

Organização: Prof.ª M.ª Paula Cró, grupo de Matemática

(Texto/Imagem: Prof.ª M.ª Paula Cró)

Matemática, rainha das Ciências, embora alguns considerem que não é Ciência?!

A Matemática está assiduamente presente nas nossas vidas:

- Oh, o despertador tocou...
- O relógio está atrasado? Nada disso, o Sol já nasce...
- No trajeto para o trabalho, para a escola...
- Será que há muito trânsito...?
- O que fazer hoje? Vou ao banco? Vou às compras? Vou à escola?

A trigonometria no relógio, as funções trigonométricas que modelam o nascer e o pôr do Sol, a teoria de grafos implícita na gestão dos semáforos, as sucessões e funções exponenciais que calculam os juros compostos e até a simples, mas não menos importante, contagem do nosso dinheiro no ato das compras são exemplos da permanente presença da Matemática na nossa vida!

Sim, ela acompanha-nos na nossa vida, embora, muitas vezes, não nos apercebamos da companhia indispensável que nos faz.

Podemos contemplá-la na Arte, Arquitetura, Literatura, Saúde, Arqueologia, Astronomia, Física, Desporto e em muitas outras áreas.

Por exemplo, na harmonia da “Mona Lisa”, no eletrocardiograma, na roda do carrossel, no pontapé que faz a bola entrar na baliza.

Não há dúvida! A Matemática é uma constante, embora, muitas vezes, passe despercebida.



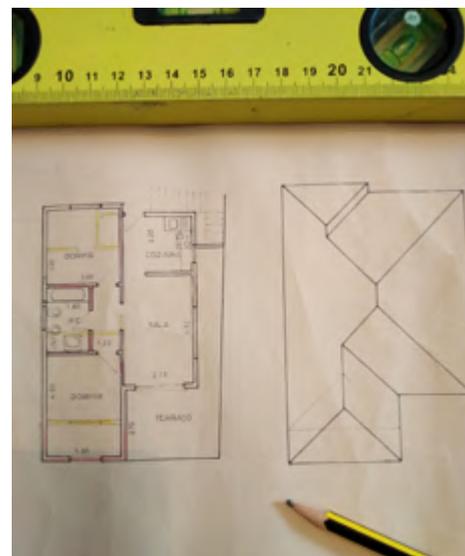
Na verdade, já afirmou Galileu: *a natureza está escrita em linguagem matemática*. Matemática é também uma linguagem, a linguagem da ciência em geral. A Matemática tem o seu alfabeto: desde as letras, os símbolos das operações, os quantificadores e, claro, os algarismos, que nos permitem formar os números. Entre a infinidade de números constantes da Matemática, alguns destacam-se pela sua importância: o *Número de Neper* (e), o *Número Pi* (π) e o *Número Phi* (φ).

Por tudo isto, neste ano letivo, resolvemos dinamizar a atividade “Constantes da Matemática”, como forma de homenagear o papel da Matemática na modelação de situações reais e, em particular, destacar a importância de algumas das suas constantes.

A comunidade escolar está, desde já, convidada a participar. Porque todos nós somos Matemática, o desafio está lançado: apresente situações da vida quotidiana com presença matemática.

Responsável: Maria Paula F. Pereira Cró

Colaboradores: Ana Ascensão C. dos Santos Velosa, Corinda D. B. Fernandes Nóbrega, José Lino da Silva e Tânia José de Gouveia Correia.



Participação da ESFF no Roadshow

NET VIVA & SEGURA-Workshop Madeira

Organização: DECO Jovem e a Google
(Texto/Imagem: Prof.ª Natércia Rodrigues)

A Escola Secundária de Francisco Franco foi uma das 5 escolas da Região a participar, no final do 1.º período, no Roadshow **NET VIVA & SEGURA - Workshop Madeira**, organizado pela **DECO Jovem e a Google**, que tem como principal objetivo a promoção da literacia digital nas escolas.

A dinamização esteve a cargo da professora Natércia Rodrigues, que contou com a participação de 6 turmas e respetivos professores, num total de sensivelmente 70 participantes.

A interatividade proporcionada pelos organizadores permitiu aos alunos, através do uso do telemóvel, participar em duas dinâmicas: “A segurança é que conta: Perguntas e Respostas!” e “Eu Nunca: #TooMuchInformation!”, onde as palavras-chave foram: **Segurança, Privacidade e Respeito**.

Foi ainda dada voz aos alunos, para que pudessem pronunciar-se sobre o tema do **Cyberbullying**, tendo sido a Escola representada pelo aluno Pedro Miguel Freitas Gomes, do 10.º ano, do Curso Profissional de Informática de Gestão.





Além da participação dos alunos, houve a salientar a intervenção da Polícia Judiciária, DECO, APAV e Insafe European Network, cujas intervenções se centraram nos tópicos: “Estar Seguros *Online*”, “Proteger a Nossa Privacidade” e “Manter o Respeito e Cortesia”.

A Escola agradece a todos os participantes, à DECO Jovem e à Google por organizarem ações desta natureza, destinadas aos alunos, que constituem alternativas muito enriquecedoras, complementando assim o trabalho desenvolvido pela instituição.

Helena Marques:

a escrita sobre as ilhas e sobre os afetos

(Texto/Imagem: Prof. João Carlos Costa, grupo de Português)

«[Em Lisboa] [j]á não vivia numa ilha, mas trazia sempre a ilha dentro de mim, ninguém se liberta de uma ilha»¹.

A propósito do recente falecimento da escritora Helena Marques (no passado dia 19 de outubro), impõe-se regressar à sua obra. A escrita literária de romances e contos foi um ofício tardio e bem-sucedido na sua vida, após dedicar-se profissionalmente ao jornalismo na Madeira, para onde veio viver aos três meses, e em Portugal Continental, onde fixou residência em definitivo com 36 anos. A sua primeira obra, *O Último Cais* (1992), foi bem recebida pela crítica e, desde aí, até à última narrativa (*O Bazar Alemão*, de 2010), escreveu mais quatro romances e uma coletânea de contos, além de outros textos publicados em antologias.

As narrativas de Helena Marques destacam a ilha como espaço privilegiado de partidas e de regressos, de claustrofobia e de prisão, de reencontros com o passado e com as origens, de encontro com o amor, de proteção perante o exterior agressivo, de uma sociedade fechada e preconceituosa e de curiosidade perante o mundo escondido para lá do mar. Nesse particular, a ilha da Madeira ocupa um lugar central em muitos dos seus romances. Mas há também Malta, Porto Santo, S. Miguel, Faial, Grã-Bretanha, Patmos, Jersey e muitas outras “ilhas contadas”.

Helena Marques é também criadora de histórias de um tempo passado, sobretudo dos séculos XIX e XX, recriando os ambientes da Madeira da primeira metade e do último quartel de oitocentos e a Segunda Guerra Mundial, em especial. Cria autênticos romances históricos pós-modernos nos quais dá corpo a personagens femininas fortes (Raquel, Laura, Matilde, Anne), bem secundadas por homens marcantes (Marcos, Simão e João Bernardo, por exemplo). A envolver estas personagens nas respetivas épocas, encontram--se temas como o amor, o casamento, a maternidade, os divórcios, as relações sociais, a procura da identidade, os valores tradicionais, o trabalho e a morte. Esta autora valoriza ainda a casa e a família, enquanto espaços congregadores das linhagens e das memórias, construindo verdadeiras sagas familiares que ocupam diversas gerações.

Assim, nesta altura de maior confinamento, é bom estimular a leitura, regressando aos autores que abordam a Madeira ou a ela ligados e (re)conhecendo um mundo muitas vezes esquecido e quase perdido. Por isso, é bom regressar a

¹ MARQUES, Helena – “Raízes no mar”. *Jornal de Letras*: 8 de outubro de 1997, p. 42.



| [Clique na imagem](#)

Helena Marques e ao legado que nos deixou através de seis propostas: *O Último Cais* (1992), *A Deusa Sentada* (1994), *Terceiras Pessoas* (1998), *Os Íbis Vermelhos da Guiana* (2002), *Ilhas Contadas* (2007) e *O Bazar Alemão* (2010). Afinal, de que falam estes livros de Helena Marques?

«Da vida, do quotidiano das pessoas. Os meus livros não levantam questões metafísicas. Falam das relações humanas, do afeto. Os meus livros são profundamente marcados pelo afeto»¹.

¹ XAVIER, Patrícia – “Os meus livros são marcados pelo afeto”. *Tribuna da Madeira*: 10 de maio de 2002, pp. 26, 27. [entrevista a Helena Marques]

Concurso «Grande Ideia»

Textos dos alunos que participaram no concurso, na modalidade de conto

Organização: Prof. João Sousa, grupo de Português

Linha do destino

(Texto: Clárisse Canha, da turma 10 do 12.º ano/Imagem: ilustração Rui F. Rodrigues)

Branco era tudo o que Lucy conseguia ver à sua volta. Um infinito enorme que a envolvia num ar frio e que lhe trazia uma estranha leveza ao corpo como se se tivesse fundido com uma pena. A rapariga caminhava lentamente seguindo uma estranha linha vermelha enlaçada no seu mindinho. À sua frente surge um rapaz, também ele com o tal fio preso a si, com a respiração ofegante de ter corrido na esperança de encontrar uma saída. - Por que raio é que não consigo acordar?! - ele parecia ainda não ter notado a presença da rapariga.

- Isso pergunto eu, o que fazes no meu sonho?

- Teu? - a sua atenção desvia-se para a linha escarlata que os ligava - Que raio...? - ao seguir a linha com os olhos, ele encontra os dela, prendendo-se no tom esmeralda que o encaravam confuso.

- Quem és tu? A morte ou coisa do género?

- Morte?! Eu? Não, não, sou o Thomas. Agora, vivo ou morto, isso não sei.

- Estes sonhos estão cada vez piores. Mas partindo do princípio de que sejas um ser físico e consciente... Sou a Lucy...

- Esta linha... não havia uma lenda qualquer sobre isto?

- Talvez, não sei. Neste momento só quero acordar e sair daqui.

- Também eu. Bem, já que não temos como sair daqui, fala-me de ti. Algo que me ajude a encontrar-te quando acordar... de onde és?

- Seattle.

- Também eu! Já temos alguma coisa em comum. - Enquanto pensa em mais perguntas, Thomas acaba por se lembrar da lenda que havia referido antes - Já sei! A linha que conecta almas gémeas!

- Não sejas idiota! Primeiro, isso é impossível; segundo, eu não tenho disso neste mundo. - um leve suspiro escapa da boca dela.

- Por que razão achas isso?

- Tive três relações, dois deles eram violentos comigo, um deles chegou a espancar-me e o outro meteu-se na cama de outra.

- Oh desculpa... Mas olha, mesmo que não tivesses alguém perfeito para ti parece que agora tens! - Thomas sorri amavelmente ao levantar a mão no ar, mostrando-lhe o fio vermelho. - Mesmo que nada disto seja real, mesmo que não sejamos destinados, eu vou encontrar-te hoje. E se eu te encontrar, não te vou deixar escapar, isto tem algum significado, eu sei disso. Espera por mim.

Antes que ela pudesse responder, o calor dos cobertores voltam a encobrir a pele de Lucy, que sente todo o seu peso voltar a si junto de uma confusão absurda. A manhã segue como habitualmente, com o pequeno-almoço acabado de fazer acompanhado do carinho da família. A rapariga calça os seus sapatos e segue caminho até à paragem onde iria apanhar o autocarro para a escola.

Uma leve chuva começa a cair sobre as ruas e os cabelos dela ganham o peso da água que os molhava. O semáforo indicava vermelho para os peões e, por momentos, a chuva parece parar apenas por cima de Lucy.

- Aqui estás tu - ao levantar os olhos, Lucy encontra o sorriso de Thomas, que a protegia da chuva com um guarda-chuva.



Ruif

Querido M.

(Texto: Fátima Sousa, da turma 10 do 12.º ano/Imagem)

Chegaste numa manhã de outono à rua onde morava, à casa da frente. Tu e os teus pais pareciam vir de muito longe. Vestido com uma camisola preta que dizia “não sou real”, o que foi muito interessante.

Dias depois, os meus pais levaram-me ao hospital, também estavas aí. Ficámos a falar enquanto os meus pais falavam com o meu doutor. Eras muito tímido e pouco expressivo. Parecias ser um bom rapaz.

Depois da consulta, os meus pais obrigaram-me a tomar uns comprimidos, pois tinha sido diagnosticada com uma doença nos ossos, não me parecia um problema, por isso, aceitei. Para esse dia tinha combinado sair com uma amiga ao parque. Te encontrei aí sozinho, cansado e triste. Ao ver-te, fui ter contigo.

Ficámos amigos, tu contavas-me as tuas coisas e eu as minhas. Falei contigo sobre os comprimidos e o quão confusa me sentia sobre isso. Tu disseste para não as tomar, era uma tontice. Tinhas razão.

Cada dia que passava sentia-me mais deteriorada. Não queria tomar os comprimidos, porque assim tu parecias satisfeito, eras meu amigo, fazias-me feliz. Eu não precisava de nada, tinha-te a ti.

Obrigaram-me a não te ver, mas eu não fiz caso e continuava a ver-te às escondidas. Tu eras o meu amigo, o único. Ao estar contigo, ficava feliz, eu precisava de estar contigo tanto como precisava de respirar.

Como os meus pais não podiam nos separar, mudámos de casa. Voltei aos comprimidos. Com o tempo comecei a sentir-me bem, muito bem. Já não estava fraca e sem energia. Tinhas ficado no passado.

Mas as coisas pioraram muito. Os comprimidos pararam de ajudar, as minhas amigas não falavam mais comigo. Fiquei sozinha outra vez. Os meus pais começaram a levar-me ao médico para fazer tratamentos.

Continuei a ir à escola, mas já nada era como antes. Não tinha ninguém com quem estar, era ignorada por todos. Até que um dia voltaste. Eras o mesmo, só que um pouco mais magro e triste. Tu viste-me e sorriste, dirigiste-te na minha direção.

Voltei a ser a tua amiga, chamaste-me tola por seguir os outros, acreditava no que dizias, eu não queria tratamentos, estava cansada de sofrer tanto, não queria nada.

Estavas comigo no hospital. Voltámos a ser amigos. Mas eu continuava mal, os doutores falavam de um “medicamento”, mas tu disseste-me para não continuar com isso e confiei em ti.

Contei a uma enfermeira sobre ti, tudo o que me disseste, porque eras meu amigo. Ela perguntou o teu nome e eu respondi. Ficou atormentada ao ouvir o teu nome. Disse-me que tu não existias, que não eras real, mas eu sei que és real e, para estarmos juntos, existia uma solução.

Todos falavam de uma rapariga que se tinha suicidado no Hospital devido às doenças mentais que sofria. Essa rapariga era eu. A solução foi essa, o que tu querias era isso. Tu M, meu amigo, levaste-me a este final.

Tu eras real, mesmo real para mim, não para o mundo. Eras só uma criação da minha imaginação para me levar à “Morte”. Tu entraste na minha cabeça para me destruir e conseguiste.

Não eras um amigo, eras o inimigo.



Doce nação

(Texto: Laura Teixeira, da turma 11 do 12.º ano/Imagem)

A minha mãe sempre foi muito humilde, trabalhava para nos sustentar, a mim e aos meus irmãos. Éramos quatro – eu, o João, o Pedrito e o Carlitos –, sendo eu a única rapariga. Eu tinha de fazer as tarefas da casa. Para dizer a verdade, não me importava, dava-me mais tempo com o Carlitos, a pérola dos meus olhos.

Certo dia, como era costume, estava em casa a bordar mais uma das infindáveis peças que me caíam pelas coxas quando o meu irmão João voltou do campo mais cedo do que era habitual, com uma feição séria esculpida no rosto. Olhando-o imediatamente mais severa e prestando-lhe atenção para conseguir vê-lo bem, no canto dos seus olhos o terror que ele tentava esconder aparecia. Dirigiu-se à minha mãe e sussurrou.

Quem me dera ter estado mais perto, poder ter ouvido o que tinha posto o meu irmão em tal estado, ter tido melhor ideia do que estava para acontecer. Infelizmente, ou talvez por truque divino, só apanhei duas palavras: “querer” e “guerra”.

Ah, *guerra...* já tinha escutado várias conversas com essa palavra, mas sempre às escondidas. Não era assunto para a minha idade, dizia a minha mamã. Todos os diálogos entre adultos pareciam rodear este tema, uns com discursos apaixonantes e fervorosos a favor e outros irrefutavelmente contra. Sempre que o assunto vinha à baila, havia uma algazarra de opiniões a serem jogadas para trás e para a frente.

Uns dias mais tarde, vim a descobrir o mistério que caiu sobre a casa. O João tinha sido chamado para combater nas fronteiras. Aí percebi e, de repente, o pânico já não era só dele ou da minha mãe, também me pertencia. O meu primeiro pensamento, *NÃO*, era alimentado pelas histórias das vizinhas cujos filhos tinham ido e, depois apenas uma carta regressava onde se resumia a tragédia com as palavras “a nação lamenta...”.

Nessa noite ao jantar, um estrondo quase arrombou a porta da frente – o barulho fez-se sentir pela casa toda. A minha mãe abriu a porta e um soldado entrou de rompante, dois ou três crachás ao peito, marchou até ao meu irmão mais velho e perguntou-lhe o nome. Sem mentir, o João respondeu e em seguida o militar questionou a sua idade. Novamente respondeu sem mentir.

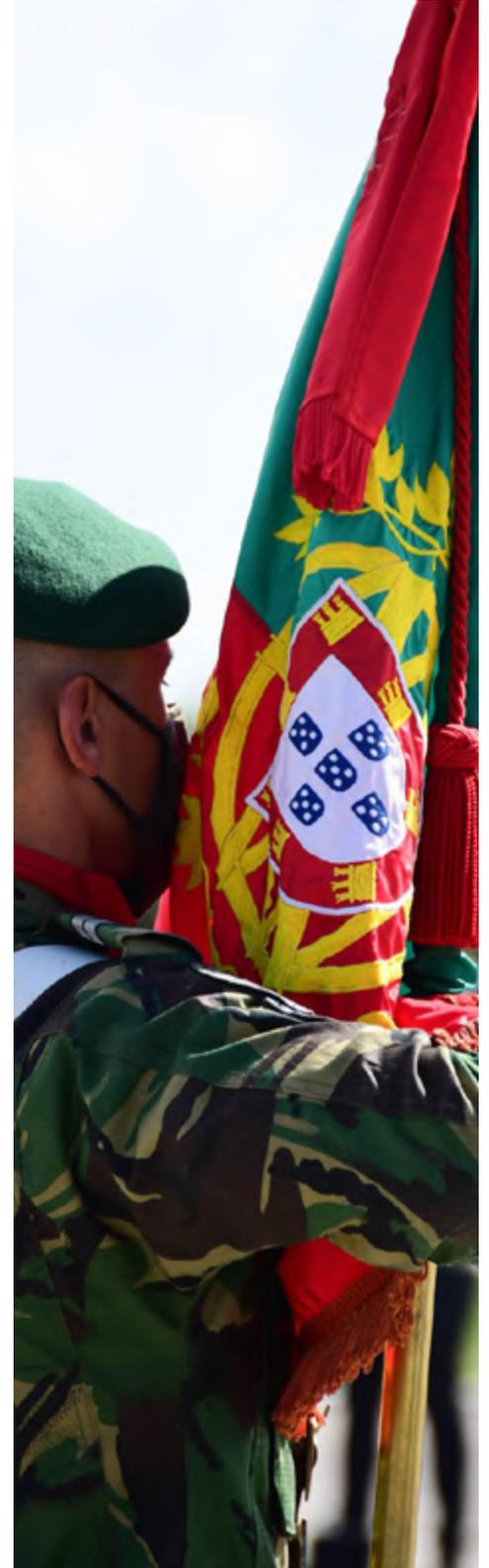
Agarrou-o pelo antebraço e o meu irmão, impotente, levantou-se com um puxão da polícia de segurança e caminhou solenemente, com um gemido de dor de vez em quando, até à soleira da porta. Perante tal cena, eu e meus outros irmãos chorávamos, e a minha mãe esperneava, implorando, tentando de tudo para o resgatar das firmes mãos da autoridade.

Quatro meses depois, o carteiro passou pela casa, a aguardada carta por entre os dedos, a única em quatro longos meses. Tremiam-me as mãos quando a abri...

“...o soldado João George da Silva, está inapto a continuar...”

Não li mais nada – não precisava! Corri para a mamã e contei-lhe a boa nova. Três dias depois, o João voltou contando a história da sua insanidade diagnosticada – a mentira que ele arranjava para fugir ao pesadelo.

Não poderia mais ser chamado.



A grande vitória

(Texto: Leonor Freitas, da turma 10 do 12.º ano/Imagem: Ilustração de João Pedro Coelho, turma 13 do 11.º ano)

Os olhos cor de água salgada encaravam as gigantes ondas. É um olhar carregador de um passado forte, que leva Vitória a ver a vida de uma forma gentil e doce.

Num final de tarde avermelhado, enquanto arrumava o café, Vitória ouve o barulho de um carro a parar à frente da porta. Gui veio buscá-la e trazia uma bela surpresa:

- Trouxe-te um presente...- Gui estende-lhe gentilmente um ramo de flores coloridas e perfumadas. De seguida, arma-se em cavalheiro e abre-lhe a porta do carro.

- Que lindas, obrigada!- Agradece Vitória, apaixonada.

- Onde queres ir?- Pergunta Gui, curioso.

- Leva-nos ao lugar onde nos conhecemos e não faças perguntas.- Diz Vitória.

Ao chegarem à praia, ambos sentam-se na areia a ver o belo pôr-do-sol.

- Já pensaste que... se nunca tivéssemos participado naquele evento de surf... provavelmente nunca estaríamos os dois... aqui... e agora...?- disse Gui pensativo.

- Até podíamos estar, ninguém sabe...- menciona Vitória.

- Muito pouco provável.- disse Gui, em tom de risada.

- Concordo.- disse Vitória, soltando uma gargalhada logo de seguida.- O que interessa é que estamos aqui e que é tudo real.

Depois de algum diálogo, Vitória muito nervosa diz:

- Ouve... há uns anos aconteceu-me uma situação e a partir daí nunca mais fui a mesma pessoa... e acho que... mereces saber disso.

- Ok... estou de ouvidos...- a confusão de Gui era visível a seus olhos.

- Quando eu tinha 16 anos, estava a caminho de casa... já era de noite, e quando notei estava a ser perseguida. De repente, senti a minha camisola a ser puxada... e a partir daí foi um autêntico filme de terror.- disse Vitória ao sentir as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

- Tu foste... violada?!-- Gui ao ouvir as suas palavras, tapa logo a boca de arrependimento.

A única resposta que ele obteve foi um aceno com a cabeça de confirmação. Sem palavras que pudessem confortar, ele envolve-a nos seus braços. Vitória aproveitando a proximidade, inclina-se para um beijo...



Unidos pela doença

(Texto: Rosa Nóbrega, da turma 10 do 12.º ano/Imagem)

Dois anos após o desastre, a desordem é inequívoca. A esta altura a infeção é mundial, a extinção dos humanos já está garantida. Portugal é um dos países com maior taxa de infetados em tão pouco tempo na Europa.

Arrastam-se em bandos, corpos mortos, irracionais e impulsivos. O odor é intenso e tóxico ao humano a quilómetros de distância, causando o uso obrigatório de máscara facial inteira... escuridão em formato de terra.

A milhares de milhas de Portugal, um deserto acolhedor, diáfano e céu claro ocupa as ilhas Pitcairn.

Semanas antes, chegara uma embarcação com dez infetados, que acabariam por apodrecer na nau, ainda antes de atracar. O jovem Kalen, escondido nela, durante meses, era enérgico e destemido, iria sobreviver custasse o que custasse...

Ao confirmar a morte de todos os infetados na nau, apressou-se a procurar abrigo, ainda antes do anoitecer, e trouxe consigo o seu rádio e máscara. Encontrou resguardo rapidamente, uma gruta que parecia ser habitada por alguém antes da infeção alastrar. O primeiro instinto do jovem foi ligar o rádio que, milagrosamente, ainda funcionava. O rapaz ficou perplexo e eufórico, escorriam-lhe lágrimas pelo rosto:

- Olá! Alguém me ouviu? Alguém sobrevivente? - não obteve resposta.

Tentou novamente com esperança de retorno, mas não o recebeu. Já com expectativas baixas, o rapaz move-se para desligar o rádio e ouve um ruído:

-Sim? Olá? - uma voz masculina que transmitia medo e confusão.

Era Afonso, que respondia de Portugal, um ambiente totalmente diferente ao de Kalen.

- Não acredito... não sou o único sobrevivente.. - também Kalen se sentia confuso.

Os dois rapazes dialogaram “bastante”, o suficiente para se conhecerem e criarem uma amizade rapidamente. Kalen e Afonso haviam já criado um horário para conversar e descomprimir a solidão que a infeção lhes tinha causado. Era um horário baseado no ocaso.

Já com meses de abrigo na ilha, Kalen conhecia-a como se vivesse lá durante anos, era muito aventureiro e não temia nada.

Afonso, por sua vez, não se atrevia a sair de casa por nada, fez o seu próprio refúgio com reservas de alimento, água e eletricidade concebida por um gerador que o mesmo criara ainda antes da infeção tomar conta do mundo. Era um jovem inteligente e suspeitava que a doença, na altura pouco valorizada, poderia se ampliar a algo mais.

Os dois adolescentes dependiam já um do outro, tomavam todas as decisões juntos e ansiavam pela próxima ligação. No entanto, um dia, Afonso não retornou uma ligação. Kalen ficou inquieto e aflito.

O esconderijo de Afonso tinha sido invadido durante o seu repouso, não colocava a máscara durante o sono e acabara por inalar os gases tóxicos, que seriam a causa da sua morte. Sendo Afonso a única razão de Kalen existir, também ele faleceu, de desgosto.



A cruel desigualdade do Mundo

(Texto: João David Berenguer Pestana, da turma 5 do 11.º ano/Imagem: o *cartoon* de Oto Reisinger, “Humanitarian”)

No *cartoon* de Oto Reisinger, “Humanitarian”, são ilustrados dois homens: um pobre, desnutrido e desesperado, que agarra, metaforicamente, a Terra/o globo, estando este aberto na parte superior, usando-o como recipiente para os restos da comida que o outro homem, saciado e economicamente estável, partilha, sendo estes já só ossos.

É denotada, claramente, a ideia da desigualdade social e a dimensão da mesma: o homem desnutrido agarra o globo quase inteiramente (cerca de três quartos do mesmo), representando que apenas um punhado dos homens, que dominam o mundo, o poder, os meios de saúde e economia, ou seja, o homem saciado, é que têm condições de uma vida estável, próspera e agradável. O homem pobre, que representa todos os que na Terra passam fome e severas dificuldades, recebe apenas ossos: o mundo alimenta-se e tem prazer de uma forma profundamente desigual; por tão poucos terem tanto, tantos têm tão pouco...

De uma genial maneira, este *cartoon* representa de forma precisa, a meu ver, a atualidade que em nós se assenta: os poucos, mas poderosos, que nos controlam, são os únicos que têm uma vida digna. Vemos quotidianamente, de uma forma evidente, a discriminação. Observamos, mais que regularmente, a pobreza que nos vem através dos jornais ou, nos piores casos, a que até ao nosso prato chega... As manifestações dos revoltados, suprimidos que, enfim, não ganham ouvidos dos egoístas, vigaristas, políticos e poderosos.

Este *cartoon*, em suma, traduz graficamente o que quotidianamente presenciamos: a cruel desigualdade do mundo, seja ela ética, moral, monetária ou social...



OTO REISINGER
HRVATSKO SLOVO (HRV) - 18/12/09
HUMANITARIAN HUMANITÁRIO

O Colar Mágico

(Texto: Inês de Castro Perdigão, da turma 25 do 10.º ano/Imagem)

Era uma vez, numa casa de campo, uma menina chamada Ana que acordava do seu sono. Tinha doze anos, era bonita, simples e sonhadora. Nesse dia, Ana foi lavar roupa ao rio Aquarela, que passava à frente de casa. Começou a lavar, a lavar, mergulhou uma camisola na água e, quando a trouxe à superfície, reparou que estava preso um colar muito brilhante. Ela achou-o muito bonito e decidiu ficar com ele. Ana passava dificuldades, porque a sua mãe estava doente. E, como em todas as noites, ela sonhava que tudo ia ficar bem, mesmo que a esperança fosse pouca.

Na manhã seguinte, o pai de Ana entrou no quarto muito sorridente e disse-lhe que a mãe estava melhor, pois já conseguia levantar-se da cama. A menina saltou de alegria e foi a correr ver a mãe. Mais tarde, quando voltou para o quarto, deitou-se na cama e começou a pensar como é que aquilo aconteceu. Como é que a sua mãe tinha melhorado de um dia para o outro? Enquanto pensava, sem querer, tocou no colar. Nesse momento tudo fez sentido: aquele colar não era um colar qualquer, era um colar mágico.

No dia seguinte, Ana foi à vila fazer umas compras e encontrou um seu amigo, o Rui, que queria convidá-la para cantar o hino da aldeia na festa da maçaroca, um dos alimentos mais cultivados. Ana aceitou e Rui teve a brilhante ideia de irem jogar o jogo de apanha a maçaroca. Os dois divertiram-se imenso. Mais tarde, quando chegou a casa, Ana apercebeu-se de que perdera o colar e entrou em pânico. Decidiu ir à vila, pois sabia que tinha saído de casa com o colar. Ela procurou, procurou, mas não o encontrou, e voltou para casa desiludida. Ao chegar a casa, recebe uma má notícia: a doença da mãe piorou e tiveram de transportá-la para receber cuidados médicos. Ana sentia o mundo desabar e sabia que a perda do colar tinha a ver com a degeneração da doença da mãe.

Chegou o dia do festival da maçaroca e todos estavam nas ruas a festejar. Ana e o pai não tinham vontade de ir à festa. Mas ela tinha de ir, pois tinha-se comprometido cantar o hino. Entretanto, Augusto, um dos mais malvados ladrões da aldeia, chegou à festa com os cúmplices. Já estavam a meio da tarde, e o espectáculo ia começar. Ana estava pronta para subir ao palco. Antes de começar, Rui viu que Ana não estava bem e a amiga respondeu que estava triste, porque a sua mãe estava ficando cada vez mais doente. Para animá-la, Rui sugeriu que fossem jogar o jogo de apanha a maçaroca. E, foi em cima do palco, naquele momento, que tudo parecia claro. Ana descobriu que o colar estava dentro de um dos barris cheios de água e de maçarocas. Rapidamente saiu do palco, fura a fila do jogo e mergulha a cabeça dentro de água. Todos começaram a olhar, incluindo o malvado Augusto. Ana tira a cabeça dentro de água e, na sua boca, estava o colar. Augusto, ao vê-lo, fura a multidão, tira o colar e foge. Ana vai atrás dele e a multidão segue-a. Augusto parou à beira do rio e Ana pediu-lhe que lhe desse o colar, mas Augusto protegia-o como um escudo que protege um cavaleiro. Entretanto, o pai de Ana e os cúmplices de Augusto chegaram. Quando estes conheceram os benefícios do colar, que Ana explicou ao pai, pediram ao chefe Augusto que desse o colar à menina, pois ela precisava mais dele do que outro alguém. Então Augusto, para alegria da menina, deu-lhe o colar e Ana foi logo para casa dar a boa notícia à mãe.

Quando chegou perto da mãe, disse que ela podia tranquilizar-se, porque ia ficar boa, pois aquele colar ia tratar dela. Mas a mãe dela não quis que assim fosse e disse que não queria que o seu futuro e a felicidade dependessem de um colar mágico. Então, tirou o colar da mão de Ana, colocou-o no pescoço da filha e disse que o tempo dela estava a chegar, mas o seu sonho final, este colar iria realizar. Ana e o pai sentiram um vazio dentro deles, uma sensação de tristeza e de dor, mas também uma grande curiosidade acerca de qual seria o sonho mágico da mãe de Ana.

Fernando Pessoa, caricatura de Renato Cruz

Apreciação crítica

Organização: Prof. Valentim Remédios, grupo de Português

(Texto: Inês Faria, da turma 12 do 12.º ano/Imagem: Caricatura de Renato Cruz)

Fernando Pessoa era um génio. Esta é uma das muitas conclusões a que podemos chegar ao observar a caricatura de Renato Cruz.

A característica mais obviamente pessoana presente no “cartoon” é o facto de Pessoa estar a escrever com a tinta do pensamento. Podemos logo associar esta ação com a temática do fingimento poético e da intelectualização das emoções. Se outro poeta qualquer estivesse aqui representado, a tinta não sairia da cabeça, mas sim do coração, uma vez que a maioria dos poetas antecessores usavam as emoções em bruto para alimentar a sua criatividade e o seu trabalho. Pessoa não. Este servia-se do coração e depois trancava-o à chave. Mais tarde, quando se apresentava sóbrio e sério, pegava nas emoções em bruto e limava-as a uma distância segura. Fernando Pessoa praticava assim o fingimento artístico, em que intelectualizava os temas da sua escrita, trabalhando-os para representar uma dor passada. Defendia que o poeta não sente, “sinta quem lê”.

Além do fingimento artístico e da ação presente na caricatura, podemos identificar outras características de Pessoa, como, por exemplo, o desenho a preto e branco que sugere um tempo sério e sóbrio, o tempo de escrever e de “pôr mãos à obra”. Sugere também um distanciamento de um mundo colorido e das emoções do coração que romantizam a vida.

Na minha opinião, é uma caricatura muito bem conseguida e pertinente, que não só representa Fernando Pessoa com humor, mas também com fidelidade à sua obra e maneira de pensar.



Inspiração para o Caminho

Saúde mental

Organização: Banco dos Afetos (GPS e LIS), em parceria com a Prof.ª Cristina Pestana, grupo de Inglês

(Texto/Imagem: Leonor Luís, da turma 5 do 11.º ano)

Sessão organizada pelo Banco dos Afetos (GPS e LIS), inserida na dinâmica do presente ano letivo “*Inspiração para o Caminho*”, saúde mental. Esta atividade está integrada na temática do grupo de Inglês “*Be smart, look after the next generation*”. Cristina Pestana

“On the 5th November 2020 we welcomed a “guest”, the environmental engineer and therapist Sónia Gonçalves. This one-hour session was organized by the school project “Banco dos Afetos”. The main goal was to inspire us in relation to our future, both personal and professional.

We talked about different topics; I recall discussing about how we always have two sides and, realizing that, makes it is easier to identify our “bad side”. We became aware that it is okay to be sad sometimes, and the most important topic, in my opinion, the importance of *self-love* and *self-acceptance*. We also talked about the future and where I would see myself in a few years.

The Engineer Sónia started the presentation with a very relaxing exercise - she told us to close our eyes, focus on our breathing and listen to a soothing song. In another exercise, we were told to hold a coin and analyse it. The goal of the exercise was to show that we have a favourite side which corresponds to our qualities (“good side”) and a challenging one made up of sadness, anger; the bottom line is we cannot be human if we just have a side. She ended the presentation with a very interesting question that made us think: “if you didn’t have to make money or please anyone, what would you do (professionally)?”

I would recommend this session because I really think it helps, at least it helped me recognise a bit my self-worth and accept some circumstances; that it doesn’t help being sad or angry about something I don’t have control over; also that if I’m feeling sad, I can cry; that if I am feeling angry, I need to let the anger out. Nonetheless, I think it still left me clueless about my professional path but that’s probably just me. I would still recommend this session to anyone who is dealing with lack of self-worth and self-love – she definitely knows what she’s talking about and she speaks with passion and that is captivating. She really helped me in personal terms so I’m grateful that the teacher wanted to help us and give us this experience.

All in all, she also motivated me to start meditating because the outside world can be overwhelming and stressful; especially school but *hopefully* I will get through it and *hopefully* meditation helps.”



Celebração e Corpo

Exposição de Carmen Silva

Organização: Museu de Arte Sacra do Funchal
(Texto/Imagem: Prof. Martinho Mendes)

A exposição “Celebração e Corpo”, da autoria da escultora Carmen Silva, pode ser visitada entre as 10h00 e as 17h00 a até 31 de janeiro. A artista inspirou-se nos têxteis religiosos com bordado Madeira, da coleção do MASF, para realizar algumas das peças presentes na exposição temporária. Esta é uma iniciativa do Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja (SNBCI), que decorre anualmente no dia 18 de outubro, dia de São Lucas, padroeiro dos artistas.



Biografia: Carman Silva

Carmen nasceu no Funchal em 1950 onde vive e trabalha. Concluiu o curso Geral de Escultura, na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (1974) e o Curso Complementar de Escultura, no Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira (1976). Foi professora de Artes Visuais no Funchal (1974 — 2010).

Tem realizado exposições colectivas desde 1974 de onde se destacam as seguintes:

Horizontes da Arte na Poética, Centro de Congressos do Porto Santo (2018); *Paisagens, A presença do Religioso*, Museu de Arte Sacra do Funchal (2016); *Encher o Mar*, Teatro Municipal Baltazar Dias (2016); *Atelier Portátil*, Teatro Municipal Baltazar Dias (2013); *Hortus Deliciarum*, Teatro Municipal Baltazar Dias (2010); *O Risco*, Teatro Municipal Baltazar Dias (2007); *Galeria em Grande*, Exposição Coletiva de Pequeno Formato, Galeria da SRTC, (2001); *Marca Madeira 2000 – Festival de Arte Contemporânea*, Madeira Tecnopolo (2000); *Ao Largo das Ilhas*, Exposição de artistas da Madeira nos Açores, Galeria 8 (1999); *20 Anos de Artes Plásticas na Madeira*, Museu de Arte Contemporânea – Fortaleza de São Tiago (1999); *Os Passos do Tempo*, Casa das Mudanças (1998); *Marca Madeira 97, Festival de Arte Contemporânea* (1997); *Ecos*, Galeria SRTC (1997); *II mostra de Artes Plásticas da Circul'Arte*, Teatro Municipal Baltazar Dias (1989); *I Mostra de Artes Plásticas da Circul'Arte*, Teatro Municipal Baltazar Dias (1987). Tem obra representada em algumas coleções privadas e no MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira.

BLUE LIGHT

Exposição de Silvestre Pestana

Organização: Coordenação pelo artista visual Hélder Folgado
(Texto/Imagem: Prof.ª Isabel Lucas)

A exposição BLUE LIGHT é produzida pela Câmara Municipal do Funchal e pela ArtWorks e estará aberta ao público de 24 de novembro de 2020 a 20 de fevereiro de 2021, todos os dias, das 10h às 17h, no salão nobre do Teatro Municipal Baltazar Dias, com a coordenação do artista visual Hélder Folgado. O evento está inserido na programação da candidatura da cidade a Capital Europeia da Cultura em 2027.

Biografia: Silvestre Pestana

Silvestre Pestana (1949, Funchal, Madeira) é uma das figuras mais radicais da arte contemporânea portuguesa. Poeta, artista visual e *performer*, o artista criou desde finais dos anos 1960, através de uma grande diversidade de meios, uma prática artística irreduzivelmente singular.

Silvestre Pestana é licenciado em Artes Gráficas e *Design*, pela Escola Superior de Belas-Artes do Porto (ESBAP), e mestre em Ensino de Arte e *Design*, pela De Montfort University, no Reino Unido, tendo ainda estudado Televisão e Música Eletrónica, na Universidade de Estocolmo, na Suécia. Foi, igualmente, professor da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

A sua obra notabiliza-se por explorar a relação entre sociedade, arte e tecnologia. Já com grandes apresentações realizadas a nível nacional, tal como aconteceu em 2016, no Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Silvestre Pestana foi também distinguido, no ano passado, com o Prémio AICA, da Associação Internacional de Críticos de Arte. No Funchal, o artista vai apresentar a exposição BLUE LIGHT, título da exposição e da sua mais recente obra com recurso a néon, assumindo o desafio de apresentar uma visão ampla perante diversas forças que experienciamos na atualidade, tanto no campo da ecologia, como no campo político e social.





Gostas de escrever?

Gostarias de ver os teus textos publicados?

Participa na revista da tua Escola!

Revista Leia FF
leiasff@esffranco.edu.pt